



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA

FRANCIELLE RIBEIRO ALVES

**YOUTUBERS E A POLÊMICA DISCURSIVA SOBRE A CONDIÇÃO
DE SER NEGRO NO BRASIL**

UBERLÂNDIA-MG
2021

FRANCIELLE RIBEIRO ALVES

YOUTUBERS E A POLÊMICA DISCURSIVA SOBRE A CONDIÇÃO DE SER NEGRO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem, texto e discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Mussalim

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A474 2021	<p>Alves, Francielle Ribeiro, 1993- Youtubers e a polêmica discursiva sobre a condição de ser negro no Brasil [recurso eletrônico] / Francielle Ribeiro Alves. - 2021.</p> <p>Orientadora: Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.641 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Silveira, Fernanda Mussalim Guimarães Lemos, 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 801</p>
--------------	--

Bibliotecárias responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico - PPGEL				
Data:	Vinte e nove de setembro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	11822ELI007				
Nome do Discente:	Francielle Ribeiro Alves				
Título do Trabalho:	YOUTUBERS E A POLÊMICA DISCURSIVA SOBRE A CONDIÇÃO DE SER NEGRO NO BRASIL				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Sobre a gênese e a transmissibilidade de pré-discursos que sustentam o discurso do senso comum sobre a língua portuguesa no Brasil				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: [Manuel José Veronez de Sousa Júnior - UEPG](#); [Ana Carolina Nunes da Cunha Ardenghi - UFMT](#) e [Fernanda Mussalim Guimarães Lemos - UFU](#), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovada.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/09/2021, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manuel José Veronez de Sousa Júnior, Usuário Externo**, em 29/09/2021, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi, Usuário Externo**, em 06/10/2021, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3069268** e o código CRC **461648B6**.

FRANCIELLE RIBEIRO ALVES

**YOUTUBERS E A POLÊMICA DISCURSIVA SOBRE A CONDIÇÃO
DE SER NEGRO NO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 29 de setembro de 2021

Profa. Dra. Fernanda Mussalim
Universidade Federal de Uberlândia – UFU (orientadora)

Prof. Dr. Manuel José Veronez de Sousa Júnior
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Profa. Dra. Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

AGRADECIMENTOS

A jornada da pós-graduação foi árdua. Foram vários os percalços que, ao fim, só entendo como degraus para um objetivo maior. Enfrentei viagens para a cidade vizinha com o apoio de meu pai, Rovaldo, que, para que eu não pegasse estrada sozinha, se abdicava de um dia de trabalho pra me fazer companhia. No trabalho, não faltou compreensão para que pudesse cumprir as disciplinas exigidas pelo Mestrado. Minha amiga Thais não poupou esforços para me auxiliar com os conteúdos ou alguma formatação que eu achava impossível de conseguir realizar. Inesquecíveis são os lanches e marmitas preparadas com tanto cuidado e afeto pela minha mãe, Giovana, para que eu não tivesse que me preocupar com a alimentação, ciente de sua importância para conseguir trilhar o caminho da maneira mais saudável. A doçura das palavras e demonstrações de afeto genuínas de minha irmã, Gabriela, me sustentaram no caminho. O acolhimento dos colegas do Grupo de Estudo, CED, sempre pacientes e dispostos a me ajudarem nessa nova área que se abria e ampliava em minha vida, foi fundamental. As orientações da professora Fernanda Mussalim (sempre se desdobrando entre seus inúmeros compromissos com a coordenação do programa, orientandos e burocracias do universo acadêmico), que me esclareciam conteúdos completamente novos e ainda assim me faziam sentir fascinação pela pesquisa, me fizeram dar os primeiros passos na área da Análise do Discurso. Além disso, sou grata aos meus amigos e amores pela compreensão das ausências, sempre demonstrando apoio nos momentos de luta e de glória. Sem uma rede de apoio, nenhum trabalho seria realizado e a trajetória, mesmo com dores, não proporcionaria tantas delícias. Gratidão!

**“Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo”
Provérbio Africano**

RESUMO

A plataforma Youtuber ganhou visibilidade e muitos usuários nos últimos anos, por possibilitar a criação de canais para criação e exposição de conteúdo específicos, passíveis de gerar monetização aos seus criadores. Na comunidade negra, muitos youtubers se dedicam à criação de conteúdos voltados para a comunidade, abordando temas como racismo, colorismo e visibilidade nas mídias. Nesse contexto, há uma polêmica em torno da definição do que é “ser negro”, que colocou em relação antagonista dois youtubers dessa comunidade, a saber, Livia Zaruty e Spartakus Santiago, que ocupam posicionamentos distintos em relação a essa questão. Nesta dissertação, nos propomos a analisar, a partir dos conceitos de polêmica discursiva, interincompreensão e simulacro, postulados por Dominique Maingueneau (2007) como se dá a polêmica entre essas duas diferentes posições enunciativas. Além disso, para procedermos à análise, mobilizaremos ainda o par conceitual hipergênero e cenografia (MAINGUENEAU, 2008), bem como o conceito de *ethos* (MAINGUENEAU, 2007; 2010). Assim, considerando a Plataforma Youtube como um hipergênero, a identidade discursiva de cada canal/de cada youtuber se dá, segundo Maingueneau, fundamentalmente, por meio da cenografia. Buscaremos demonstrar, como forma de contribuição para a teoria, que além do par hipergênero/cenografia, é preciso também considerar, como imprescindível, a instância do *ethos* discursivo na análise da constituição das identidades discursivas, quando se trata de hipergêneros. Em outras palavras, o que buscaremos demonstrar é que, embora a arquitetura de cada canal do Youtube seja muito parecida (no hipergênero, as restrições materiais são fortes e as restrições socio históricas são fracas), a identidade de cada um e de cada enunciator/*youtuber* se constitui com base não apenas na cenografia, mas também no *ethos*. Em relação à metodologia de pesquisa, seguiremos Maingueneau (2007), segundo o qual o tratamento metodológico do *corpus* deverá partir de hipóteses fundamentadas na história e em um conjunto de textos, sendo que a análise desse conjunto pode vir a confirmar ou refutar as hipóteses estabelecidas. Dessa perspectiva metodológica, o imbricamento entre texto e contexto, ou melhor, entre discurso e condições de produção é radical, e a abordagem do *corpus* deve considerar

isso, de modo que os textos sejam sempre analisados enquanto práticas discursivas sujeitos inscritos em posicionamentos, e nunca como materialidades autônomas.

PALAVRAS-CHAVE: Polêmica discursiva. Par hipergênero/cenografia. Ethos discursivo. Youtube. Comunidade negra.

ABSTRACT

Youtube platform has gained visibility and lots of users over the last years, since it enables the creation of channels to elaborate and expose specific content, likely to generate monetization for their creators. In the black community, many youtubers dedicate themselves to making community-oriented contents, addressing themes such as racism, colorism and visibility on the media. In this context, there's a controversy around the definition of what it means to "be black", which has placed two YouTubers from that community in an antagonistic relationship, namely, Livia Zaruty and Spartakus Santiago, who stand in different positions regarding this issue. In this dissertation, we propose to analyze, from the concepts of discursive controversy, intermisunderstanding and simulacrum, postulated by Dominique Maingueneau (2007), how the controversy between these two different enunciative positions takes place. In addition, to carry on with the analysis, we will also mobilize the conceptual pair hypergender and scenography (MAINGUENEAU, 2008), as well as the concept of *ethos* (MAINGUENEAU, 2007; 2010). Thus, considering the Youtube platform as a hypergenre, the discursive identity of each channel/*youtuber* happens, according to Maingueneau, fundamentally through the scenography. We will aim to demonstrate, as a way of contributing to the theory, that beyond to the hypergender/scenography pair, it is also necessary to consider, as essential, the instance of the discursive *ethos* in the analysis of the constitution of discursive identities, when it comes to hypergenres. In other words, what we will seek to demonstrate is that, although the architecture of each *YouTube* channel is very similar (according to the hypergenre, material restrictions are strong and socio-historical restrictions are weak), the identity of each one and each speaker/ *youtuber* is based not only on scenography, but also on *ethos*. As for the research methodology, we will follow Maingueneau (2007), according to whom the methodological treatment of the corpus should start from hypotheses based on history and a set of texts, and the analysis of this set may confirm or refute the established hypotheses. From this methodological perspective, the overlapping between text and context, or rather, between discourse and production conditions is radical, and the corpus approach must consider those, so that texts are always analyzed as discursive practices with subjects inscribed in positions, and never as autonomous materialities.

KEYWORDS: Discursive controversy. Hypergender/scenography pair. Discursive ethos. Youtube. Black community.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Como enviar vídeos para um canal na plataforma Youtube	26
Imagem 2: Personalização do canal na plataforma Youtube.....	27
Imagem 3: Personalização de um vídeo na plataforma Youtube	28
Imagem 4: Canal "Etnia Brasileira" personalizado na plataforma Youtube	29
Imagem 5: Canal "Spartakus Santiago" personalizado na plataforma Youtube	30
Imagem 6: Seção de comentário na plataforma Youtube.....	40
Imagem 7: Captura de imagem do vídeo de Zaruty com movimento com as mãos .	42
Imagem 8: Captura de imagem do vídeo de Zaruty com posicionamento restritivo .	44
Imagem 9: A Redenção de Cam	50
Imagem 10: Captura de imagem do vídeo de Spartakus	51
Imagem 11: Captura de imagem do vídeo de Spartakus com posicionamento didático	53
Imagem 12: Spartakus Santiago - recurso de convencimento do expectador.....	54
Imagem 13: Livia Zaruty - recurso de convencimento do expectador	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
CAPÍTULO 2: CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> , METODOLOGIA, HIPÓTESES E QUESTÃO DE PESQUISA	26
CAPÍTULO 3: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	34
CAPÍTULO 4: ANÁLISES	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário Oxford, *youtuber* consiste em uma pessoa que frequentemente faz uso do site Youtube, especialmente aparecendo em vídeos desta plataforma. Os *youtubers* têm ganhado bastante visibilidade nos últimos tempos, utilizando-se da plataforma para divulgarem suas ideias por meio da criação de conteúdos diversos e de publicidade, obtendo retorno financeiro através desta atividade, em função da quantidade de visualizações e seguidores que adquirem. Por ter crescido de maneira expressiva em quantidade e em influência sobre aqueles que os seguem, os *youtubers* têm sido denominados, também, *digital influencers*. As empresas, por isso, veem um grande potencial nessas personalidades, que costumam ter milhões de seguidores, e propõem-lhes parcerias visando expandir suas vendas. É importante ressaltar que os *youtubers* trabalham em diversos nichos diferentes (moda, cabelo, maquiagem, games, culinária, trabalhos domésticos, assuntos filosóficos, dentre outros), o que facilita às marcas ter controle do público a ser atingido por determinado influenciador e, assim, fazer a melhor escolha de acordo com seus interesses de vendas e lucros.

Diante da monetização advinda dos vídeos e dos conteúdos produzidos no Youtube, há uma polêmica envolvendo a escolha de *digital influencers* para representar marcas voltadas à população negra, por exemplo. Apoiados na Teoria do Colorismo, que consiste, basicamente, em afirmar que negros de pele clara não sofrem racismo como negros de pele retinta, algumas *youtubers* se sentem desvalorizadas, alegando que as marcas descartam as negras de pele retinta e traços negroides para publicidade, escolhendo, apenas, as negras de pele clara para estamparem suas campanhas. Há, ainda, um posicionamento que defende que essas influenciadoras de pele clara sequer se enquadram no grupo da população negra, independentemente de seu genótipo (afirmação que leva em conta única e exclusivamente o fenótipo), alegando-se, portanto, que se trata de *Blackfishing*, um fenômeno que consiste em pessoas brancas se passarem por pessoas negras para atingir um objetivo específico, como, por exemplo, assinar contratos publicitários.

Com base no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha Francesa, a AD, especificamente a partir do quadro teórico de Dominique Maingueneau, analisaremos, neste trabalho, o discurso de dois diferentes *youtubers* com posicionamentos distintos a respeito do que é “ser negro” na comunidade negra

no Brasil, a fim de explicar o funcionamento da relação polêmica existente entre eles, ou, nos termos de Maingueneau (2008), objetivando entender como se dá o processo de interincompreensão entre diferentes posições enunciativas. O intuito é identificar, nesses posicionamentos, o modo de validação de diferentes posicionamentos a respeito do que é ser negro.

Para procedermos à análise, partiremos do pressuposto do primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2007) e mobilizaremos o par conceitual hipergênero e cenografia (MAINGUENEAU, 2008), bem como o conceito de *ethos* (MAINGUENEAU, 2007; 2010). O par hipergênero e cenografia se mostra crucial na análise do *corpus* de análise desta dissertação, uma vez que, de acordo com Maingueneau (2010), a categoria hipergênero permite melhor analisar os gêneros da web, sendo a cenografia um espaço muito produtivo para se analisar a constituição de identidades discursivas na internet.

Assumiremos que a plataforma Youtube se constitui como um hipergênero, estando sujeita, pois, às restrições técnicas fortes, e que é por meio da mobilização de cenografias que ocorre a construção das identidades discursivas – no caso, a construção de identidades dos canais e dos *youtubers* analisados, a saber, Canal Etnia Brasileira, de Livia Zaruty, e Canal Spartakus Santiago (youtuber homônimo), de onde foram recortados os dois vídeos para análise¹. A escolha da cenografia, ou seja, o quadro de comunicação por meio do qual a enunciação é semantizada, é central na constituição de seus posicionamentos discursivos.

Além disso, o *ethos* (a imagem que se faz do enunciador de um discurso em função de seu modo de enunciação) que emerge de cada um dos discursos não pode ser desconsiderado na análise, já que também atua como uma instância constitutiva da identidade discursiva de um enunciador, sendo considerado uma das dimensões da formação discursiva. Esse “tom” que habita a enunciação de um texto transmite a imagem, criada e mostrada, do enunciador no discurso, cujo objetivo é convencer e persuadir o auditório.

Se os elementos do *ethos* forem integrados à discursividade, esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso e, a partir daí,

¹ A propósito, o vídeo de Livia Zaruty, em 2021, não está disponível na plataforma, porém, antes de ser retirado foi salvo pela autora dessa pesquisa em 20/09/2020. Esse fato reforça a dificuldade encontrada por pesquisadores que trabalham com corpus digital, em função da uma volatilidade desses conteúdos que circulam nas redes e que podem ser deletados pelos próprios autores ou pelas plataformas nas quais estão disponibilizados; por isso, há é sempre necessário pensar estratégias, para o âmbito da pesquisa, para lidar com as instabilidades enfrentadas com os materiais virtuais.

indissociável da forma pela qual “toma corpo”. Introduziremos aqui a noção de incorporação para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu ethos que ocorre através do procedimento enunciativo (MAINGUENEAU, 1997, p. 48).

Nossa hipótese, pois, é que, no caso de hipergêneros, além da cenografia, o *ethos* do enunciador também deve ser considerado como aspecto crucial na constituição das identidades discursivas, como buscaremos demonstrar por meio das análises que empreenderemos.

Os vídeos selecionados são do Canal Etnia Brasileira ativo no Youtube desde 2007, de Livia Zaruty, que possui como título “Rayza Nicácio, Nátaly Neri, Débora Ninja, Spartakus – Blackfishing made in Brasil”. O referido canal teve recentemente ocultado número de inscritos. Entretanto, apresenta bastante visibilidade no cenário de discussões de raça entre os *youtubers* negros no Brasil, sempre produzindo conteúdo como forma de “resposta” a outros vídeos ou posicionamentos, relação aos quais a youtuber se posiciona declaradamente de forma contrária. O segundo vídeo analisado é o de Spartakus Santiago, o qual possui o mesmo nome de seu criador. Neste canal, o número de inscritos está visível, apontando 228 mil inscritos em 2021. Spartakus têm visibilidade dentro da comunidade negra e LGBTQI+, pois dedica sua produção de conteúdo voltada, principalmente, a esses assuntos. Além disso, dedica-se, também, a produzir conteúdo sobre obras e artistas do mundo pop, fazendo análise de clipes, por exemplo. O vídeo analisado é intitulado como “O pardo é negro? – Colorismo, passabilidade, eugenia: O que é ser negro de pele clara no Brasil.” Com 209.523 visualizações, postado no ano de 2019.

Dessa forma, para analisá-los, os capítulos que compõem esta dissertação se dividirão em:

Capítulo 1: Pressupostos Teóricos. Neste capítulo, nos dedicaremos a apresentar os conceitos postulados por Dominique Maingueneau e que norteiam a pesquisa, a saber: noção de interdiscurso, o par hipergênero e cenografia e, por fim, a noção de *ethos*.

Capítulo 2: Constituição do *corpus*, metodologia, hipótese e questão de pesquisa. Este capítulo será dedicado à exposição do *corpus*, constituído por dois vídeos disponíveis na plataforma Youtube, de influenciadores com grande número de seguidores e que se destacam dentro da comunidade negra por abordarem questões raciais em seus vídeos/canais. O primeiro vídeo analisado é “Rayza Nicácio, Nátaly Neri, Débora Ninja, Spartakus – Blackfishing made in Brasil”, com 164 mil

visualizações e postado em dezembro de 2018, de Livia Zaruty. O segundo, “O pardo é negro? Colorismo, Passabilidade, Eugenia: o que é ser negro de pele clara no Brasil”, de Spartakus Santiago. A metodologia contemplará a descrição e a análise a partir do par hipergênero/cenografia e da noção de ethos, postulados por Maingueneau (1997, 2005, 2007, 2010, 2013).

Capítulo 3: Condições de Produção. Retomaremos conceitos de outras áreas para compreender melhor a questão da formação da população negra no Brasil, que se deu de forma muito polêmica, desde a escravidão, até, posteriormente, os movimentos eugenistas no Brasil, que visavam um embranquecimento da população. Além disso, é preciso refletir sobre o termo raça e o que ele contempla para entender a definição e qual sua relação com a presente discussão. Ademais, se faz necessário entender o conceito de autodeclaração considerado pelo IBGE. De modo transversal, é preciso considerar também o conceito de Colorismo, em função da polarização, no interior da própria comunidade negra, em torno da deslegitimação de alguns negros de pele retinta em relação aos negros de pele clara, já que pode-se entender como Colorismo a teoria que prega níveis diferentes de racismo sofridos de acordo com a tonalidade da pele de um indivíduo negro, de modo que quanto mais retinta a pele, mais racismo ele sofrerá, e quando mais clara a pele, mais passabilidade ele terá em relação à população branca.

Capítulo 4: Análises. Dedicado às análises dos dois vídeos que compõem o *corpus*, a fim de compreender discursivamente quem é encarado como negro no Brasil e legitimado a se colocar nesta posição. Não se pode, portanto, deixar de considerar a plataforma em que esses dois discursos polêmicos circulam; por esta razão, a análise será empreendida com base na mobilização das noções de hipergênero e cenografia e de ethos.

Por fim, partiremos para as considerações finais com as reflexões sobre a pesquisa e ponderações que se fizerem necessárias.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Partindo do conceito postulado por Pêcheux (apud MAINGUENEAU, 1997), segundo o qual, em uma formação discursiva, é determinado *o que pode e deve ser dito* a partir de uma posição e de uma certa conjuntura, e, assim, levando em consideração que o sentido das palavras só se produz em seu interior, ou seja, que as palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, esta pesquisa terá no seu horizonte o seguinte pressuposto:

A Análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando o 'sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (...). O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal (PÊCHEUX apud MAINGUENEAU, 1997, p. 11).

Nessa tradição de pensamento, Maingueneau (1997) esclarece que analisar um *corpus* não é tomá-lo como se ele tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas considerar sua enunciação como o correlato de uma certa posição sócio-histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis. Além disso, também de acordo com as ideias de Maingueneau (2005, p. 64), deve-se saber que a formação discursiva não consiste em um amontoado levemente consistente de elementos diferentes que se aglutinam aos poucos, mas em uma formação sistemática das possibilidades de um núcleo semântico.

Para Maingueneau (1997), um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso etc., mas de um trabalho sobre outros discursos. Dessa perspectiva, consideraremos sempre, neste trabalho, que, se há um posicionamento que amplia o conceito do ser negro, é porque existe outro que o restringe.

Desta forma, cria-se uma relação de polemicidade, mas é preciso ressaltar que, de acordo com o autor supracitado, a controvérsia entre formações discursivas não se constitui na única característica de uma relação polêmica, cuja existência é verificada quando um discurso aborda o outro de tal maneira que acaba gerando uma

série de enunciações. Maingueneau (1997) afirma que, para haver polêmica, é preciso que haja relações explícitas entre duas formações discursivas. Assim, defende que a análise do discurso formula as instâncias de enunciação em termos de lugares, enfatizando a topografia social sobre os falantes. Além disso, sustentar que o espaço é da ordem da interdiscursividade, consiste em propor ao analista o interdiscurso como objeto teórico e fazê-lo apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas, que constroem suas identidades discursivas na relação.

Na obra *Doze conceitos em análise do discurso*, no capítulo 11, intitulado “As três facetas do polêmico”, Maingueneau (2010) distingue três tipos de registros, a saber, linguístico, funcional e comunicacional, ao realizar uma pesquisa sobre os tipos de unidade com que se trabalha em análise do discurso, para confrontar as unidades territoriais (gêneros e tipos de discursos) com as unidades transversas, as quais não se circunscrevem em um gênero ou tipo de discurso. Para ele, os registros linguísticos e funcionais são mais consistentes. Os linguísticos porque se situam aquém do nível propriamente textual, os funcionais porque são muito abstratos e, em relação aos comunicacionais, dada a diversidade de fatores envolvidos em uma atividade comunicacional, afirma que é extremamente difícil traçar linhas de divisão claras. O autor afirma, ainda, que o polêmico, associado a um repertório de traços linguísticos característicos de certa violência verbal, tem a ver com registros do tipo comunicacional que, do ponto de vista da análise do discurso, entretanto, é uma concepção vaga e insatisfatória do polêmico. Ele esclarece, também, que o polêmico pode ser abordado de três dimensões diferentes: a enunciativo-pragmática, a sociogenérica e a semântica, mas enfatiza que o polêmico não diz respeito às atividades verbais, ele pertence aos gêneros instituídos e não à conversação.

De acordo com o autor, de um ponto de vista lexical, polêmica ou polemizar se empregam para conflitos nos quais as questões estão situadas além dos indivíduos que interagem. Assim sendo, discussões, bate-bocas, disputas não são polêmicas. Esclarece, que, de um ponto de vista aspectual, uma discussão pode ser pontual, enquanto uma polêmica se estende no tempo, supõe uma sucessão de trocas.

A dimensão enunciativo-pragmática do polêmico é descrita pelo analista como a mais imediata e justifica a exploração didática de um registro polêmico. Maingueneau (2010, p. 190) afirma que essa dimensão enunciativo-pragmática permite “indicar que se pode colocar ênfase não somente nas marcas enunciativas, mas também na força

ilocucional da enunciação, no interior de certa encenação da atividade discursiva”.
Esclarece ainda que

violência verbal é de fato uma noção intuitiva que é muito difícil em termos linguísticos, tendo então como saída, o estudo do texto polêmico em seus múltiplos planos, atribuindo uma importância bem relativa aos traços linguísticos considerados característicos do polêmico (MAINGUENEAU, 2010, p. 191).

De acordo com o autor, deve-se, de qualquer forma, reconhecer a dimensão teatral da enunciação polêmica, que supõe a existência de um terceiro espectador, alguém que assume as normas subjacentes ao debate. Se os adversários pressupõem a existência de normas que se impõem a ambos e os valores que a fundam estão ameaçados (o bom senso, os valores democráticos, o catolicismo, a defesa dos pobres etc.), eles podem polemizar. É inevitável, enfatiza o autor, que, numa polêmica com alguma amplitude, os atores tendam a apelar para os fundamentos, indo além do objeto imediato que a desencadeou. Ainda segundo o analista, a

dinâmica das trocas é outro aspecto essencial do polêmico, já que, pode acontecer que um texto primeiro se posicione como indicador de uma polêmica e que ele provoque, de alguma forma, enunciados contrários; a enunciação polêmica é também ligada à oralidade, que coloca em cena uma confrontação direta com o adversário (MAINGUENEAU, 2010, p. 192).

Na dimensão sociogenérica, Maingueneau (2010, p. 193) afirma que

cada texto polêmico implica um quadro comunicacional, um gênero ligado a um suporte e a lugares de difusão, que lhe prescreve um modo de existência; ele se inscreve, além disso, em uma temporalidade específica, constitui um acontecimento enunciativo que adquire sentido em relação a outros da mesma série.

Nesse sentido, deve-se considerar as práticas discursivas efetivas por meio das quais o polêmico se exerce.

Além disso, o polêmico desenha uma configuração característica para um espaço histórico, dado de acordo com o que se polemiza, o estilo, quem polemiza, em quais suportes, circuitos etc., enfatizando que existem momentos privilegiados para as polêmicas. Nessa perspectiva, o autor questiona sobre os novos tipos de polêmica atualmente construídos pela mídia, principalmente na televisão, cuja mudança da

dimensão das unidades, de textos inteiros para pequenas frases que, quando apresentadas por um jornalista, dirigida contra tal ou qual pessoa, alimenta as reações de outros atores do campo político midiático que, no entanto, não duram muito tempo, pois a atenção do espectador não pode ser indefinidamente mobilizada pelo mesmo assunto.

Para além do registro polêmico, há de se considerar, neste trabalho, a dimensão semântica da polêmica que, segundo Maingueneau (2010, p. 195), é a dimensão menos evidente, por exigir “que se entre na construção da identidade semântica dos discursos engajados na polêmica, ligando a interação polêmica ao funcionamento do campo discursivo do qual participam os posicionamentos em conflito”.

De acordo com o autor, o registro polêmico possui um estatuto entre os “registros” que o distancia de categorias, como o trágico ou o lírico, e implica uma ameaça à fronteira pela qual se define uma identidade discursiva. Assim, em situações em que a percepção de certos enunciados como intoleráveis pelos sujeitos, a ponto de julgarem necessário entrar em conflito com a suposta fonte desses enunciados, o analista é levado a utilizar-se de hipóteses sobre a discursividade, o interdiscurso e a fronteira, para saber se a relação com o adversário é um acidente exterior ou se é constitutiva da identidade do posicionamento, pois, se assim for, as modalidades do polêmico variam em função dos posicionamentos concernidos. Segundo Maingueneau (2007, p. 196), “na interação polêmica, esse adversário com o qual o discurso agente se confronta só é acessível sob a forma de um ‘simulacro’, construído sob medida pelo discurso que o incorpora para desqualificá-lo”.

Em *Gênese dos discursos*, Maingueneau (2007) enfatiza a importância de se considerar a semântica global dos discursos. Assim, além de rejeitar a ideia da existência de uma camada visível e de uma base invisível desses discursos, afirma a existência de várias dimensões sobre as quais os discursos se apoiam para emergir. Maingueneau parte da hipótese de que há um “interdiscurso” que constitui e é anterior ao discurso em si, o que quer dizer que, para o autor, os discursos nascem das brechas do interdiscurso.

Na obra, Dominique Maingueneau (2005) dedica-se, no primeiro capítulo, a expor o conceito de interdiscurso que permeia os estudos da Análise do Discurso. Segundo o analista, quando os analistas precisam encarar a heterogeneidade enunciativa, há a necessidade de distinguir o “outro” presente no discurso, e isso ocorre de duas maneiras, uma é nomeada como heterogeneidade “mostrada”, e a

segunda, como heterogeneidade “constitutiva; aquela é acessível pelos mecanismos linguísticos, esta não deixa marcas visíveis. Nesse viés, compreende-se o primado do interdiscurso como uma relação indissociável do “mesmo do discurso e seu outro”. Assim, para o autor, o percurso para o estudo desse interdiscurso esbarra na perspectiva bakhtiniana, de modo que a distinção se apresentará no quadro restritivo metodológico com um domínio de validade muito mais preciso.

No tópico I do capítulo citado, o analista divide o objeto interdiscurso de forma que haja mais especificações, assim o estudo e as discussões se tornam mais claras. É apresentada uma tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Nesta perspectiva, o universo discursivo compreende o conjunto de formações discursivas que interagem numa dada conjuntura, sejam elas de qualquer tipo e, mesmo que não seja possível compreender a totalidade desse universo, ele apresenta um conjunto finito. Já os campos discursivos referem-se ao conjunto de formações discursivas que estão em concorrência, o que impõe limites a determinada região do universo discursivo. Nesse contexto, concorrência deve ser compreendida como confronto, aliança ou neutralidade aparente entre discursos de mesma função social, mas que se divergem na forma como ela se preenche.

Segundo Maingueneau, é dentro do campo discursivo que se constitui um discurso, o que abre espaço para discussões sobre a descrição dessas constituições de formações discursivas, ciente de que um discurso não se constitui da mesma forma com todos os discursos desse campo, evidenciando a heterogeneidade. Por isso, a oposição de discursos dominantes e dominados não se situam no mesmo plano; ademais, a relação constitutiva apresenta-se com poucos índices na superfície discursiva. Para o analista, a construção do sistema de definição semântica de um discurso (ou FD) está em consonância com as definições das relações desse discurso no espaço de trocas em que se encontra. De acordo com o teórico, desde os anos 1960, há essa busca por um fechamento estrutural das relações entre o Mesmo e o Outro, em que a ideia inicial focava em revelar a identidade de cada formação discursiva resultante de núcleos de invariância. Assim, o interdiscurso aparecia como um conjunto de relações entre diversos “intradiscursos” compactos. É o que Courtine (1981, p. 38) chama de “inconsistência de uma formação discursiva, entendida como o efeito do interdiscurso exteriorizado específico de uma formação discursiva no próprio interior dela”.

Para Maingueneau, cabe enfatizar que o Outro não é encarado como um fragmento possível de localizar, uma citação ou um sistema exterior; ele não é visível a ponto de ser possível extraí-lo de um discurso, mas está sempre na raiz do Mesmo, sendo a parte do discurso que é necessária sacrificar para a construção da identidade. A partir disso, percebe-se o caráter dialógico de todo enunciado do discurso, o que nos faz ir além da heterogeneidade “mostrada” na análise, pois a relação está muito à frente do objeto marcado, não se limitando ou reduzindo a uma figura do interlocutor. É como se, para cada um dos discursos, o Outro fosse um *tu* virtual ou, em termos linguísticos mais justo, um *eu* do qual o enunciador discursivo deve se separar. De acordo com o analista, trata-se de uma espécie de interdito de um discurso, ou dizível errado, quando se pensa nas delimitações na zona do dizível em uma formação discursiva. Nesse viés, todo enunciado do discurso rejeita um enunciado de seu Outro no espaço discursivo; trata-se de um “direito” e um “avesso” à medida em que um rejeita o outro.

No tópico II do capítulo em questão, Maingueneau inicia a discussão a respeito da constituição dos discursos e afirma que, cronologicamente, deve-se encarar o discurso segundo como constituído através do discurso primeiro, de modo que o discurso primeiro é o Outro do discurso segundo, mas o inverso não se faz possível. O discurso segundo é privilegiado de seu Outro, ou discurso primeiro, pois concerne um conjunto de condições e de possibilidades semânticas para sua transformação. Há, portanto, uma dissimetria que não recobre as relações entre discurso primeiro e discurso segundo em sua totalidade. Em que o discurso segundo não desaparece com aquele que o deriva, há um período de coexistência variável que tem duração de acordo com a maior ou a menor abertura dos conflitos. Dessa maneira, o espaço discursivo acaba por apresentar-se com um duplo estatuto: um modelo dissimétrico que descreve a constituição de um discurso e um modelo simétrico com interação conflituosa entre os dois discursos.

Ainda em relação ao discurso segundo, deve-se pensar nele com uma fase de constituição e como uma fase de conservação, em que, na última fase, o discurso Outro desaparece, contribuindo para que estabeleça novas relações interdiscursivas determinadas pela rede semântica pela qual se constituiu. Entretanto, cabe compreender, segundo reflexões do analista, que, na maioria das vezes, o discurso não desaparece, apenas recua e se marginaliza a um ponto que a área semântica a qual recobria passa a ser tomada por uma outra FD.

No último tópico do capítulo, o III, Maingueneau inicia esclarecendo que não objetiva fazer coincidir as necessidades históricas com as necessidades lógico-semântica na ideia de estabelecer uma totalidade integrada. A intenção é refletir e compreender a derivação regular de um discurso segundo de um primeiro ou de vários outros do mesmo campo, afirmando ainda que não há uma lei estável ou dialética que faça com que, de um campo, se possa derivar apenas um discurso. A hipótese do analista é a dupla relação com a descontinuidade, que resulta em rupturas construindo zonas de regularidade, formação ou espaços discursivos. Além disso, o que interessa ao analista é o deslocamento, o qual faz com que um discurso se encontre em estado de ameaça, que encalhe enquanto outro ascenda. Para exemplificar, o autor apresenta o estruturalismo que, em sua fase triunfante, ajustava-se bem à teoria da descontinuidade, como uma brecha que permitia visitar blocos mais homogêneos. Foucault evoca as formas de coexistência entre discursos para expor os diversos discursos, a utilização deles em outros campos e a relação entre enunciados, seja de filiação ou descontinuidade com a formação discursiva.

Assim, resta compreender que se mantém como prioridade, no interior de um campo, as relações interdiscursivas e, “se há isomorfismo ou transferência, intencional ou não, de um campo a outro, sua condição de possibilidade deve estar inscrita na estrutura do campo”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 48). Em relação à inovação, segundo o estudioso, fica-se preso a uma concepção, por vezes, romântica, da gênese de uma descoberta original. Entretanto, a respeito de formações discursivas “anônimas”, não há rascunhos, por exemplo, não se pode significar determinados objetos para o jansenismo ou para o discurso comunista, por isso, supõe uma forte restrição sobre as variedades dos sistemas possíveis e suas transformações.

No capítulo 4, de título “A polêmica como interincompreensão”, Maingueneau dedica-se à discussão sobre considerar o espaço discursivo como um sistema de interação semântica capaz de definir um processo de interincompreensão com diversas possibilidades enunciativas. No primeiro tópico do capítulo, o analista expõe que essa rede faz compreender que não existe distinção entre enunciar em conformidade com as regras de sua formação discursiva e não compreender o enunciado do Outro; trata-se de duas facetas de um mesmo fenômeno.

Há, portanto, segundo o analista, dois registros: os semas positivos e os semas negativos, isso quer dizer que cada posição discursiva interpreta os enunciados do Outro a partir de suas próprias categorias e seu próprio sistema restritivo. Nesse

sentido, afirma que há o discurso-agente e o discurso-paciente, ou seja, o discurso que traduz e aquele que é traduzido. Essa tradução não se limita à tradução interlinguística, por exemplo, mas a um entendimento do enunciado do Outro na sua própria língua, no interior do mesmo idioma. Por isso, a tradução que interessa, de acordo com Maingueneau, é esse mecanismo regular e necessário relacionado às formações discursivas em suas raízes. A interincompreensão nos espaços discursivos compreende a inscrição em prol de uma problemática que não advém de um mal-entendido linguístico usual, mas adquire um título de redutibilidade ou irredutibilidade postulada anteriormente a esse conceito.

No segundo tópico deste capítulo, Maingueneau (2007, p. 107) apresenta-nos uma tabela de semas com o sistema de restrições semântica de dois discursos apresentados no capítulo 2 de *Gênese dos Discursos*. Nesta tabela, é possível compreender as regras de interincompreensão derivadas de uma mesma estrutura. Para exemplificar, “quando um enunciador humanista devoto, colocado em posição de discurso-agente, traduzir M2 para as categorias de M1+, ele traduzirá a /Consistência/ como / Dureza, a /Verticalidade/ como /Tirania/, e assim por diante”. Entretanto, o enunciado-agente jansenista não funciona simetricamente, fazendo com que a raiz do sistema de seu Outro seja encontrada e associada às categorias antonímicas. Cada formação discursiva interpreta o seu Outro à sua maneira.

No tópico seguinte do capítulo, o III, o analista trata de apresentar a noção de polêmica, que não se relaciona ao sentido entendido habitualmente, como uma controvérsia violenta, já que este é apenas um dos aspectos desse fenômeno de relações entre duas formações discursivas. Assim, é preciso compreender a polêmica como não advinda do exterior. A tradução do Outro, a partir do simulacro, compreende todos os planos da discursividade, uma vez que a polêmica introduz o Outro em seu espaço para melhor conjurar a sua ameaça, com o intuito de anulá-lo por meio do simulacro. Contudo, não se deve pensar essa ameaça como partindo de um só lado, ela é recíproca e generalizada, os protagonistas do conflito estão na disputa desde sempre, respondendo e deferindo golpes.

O penúltimo tópico do capítulo, o IV, esclarece que o ato de polemizar consiste em colocar o adversário em uma situação de infrator de uma Lei encarada como incontestável. Assim, de acordo com Maingueneau (2007), a intenção é desqualificar o adversário, expondo a violação das regras do jogo, seja através de mentiras, informações errôneas, incompetência etc., tirando do enunciador o direito à palavra.

Na polêmica, há uma convicção de que os discursos antagônicos estão abaixo da existência de um código reconhecido pelo discurso agente, o qual decide o que é justo ou injusto. Neste viés, a polêmica só não renderá frutos caso haja um afrontamento de dois universos incompatíveis, por esta razão, é importante compreender que um discurso, por não exteriorizar o código de referências e de interpretações que o fundam, não pode convencer, mas os argumentos expressos pela enunciação convencem por inserir-se em um universo de sentido, o qual remete ao discurso.

Além disso, a polêmica também pode se manifestar por uma interincompreensão radical, de forma que um discurso convença apenas aqueles já convencidos, tanto que, em espaços totalitários, a polemização é contínua, não há fim ao ritual de admissão-expulsão do simulacro do Outro. Desse modo, sem essa relação com o Outro, a identidade do discurso corre o risco de se desfazer, já que ele só existe pela ameaça; ele acredita ser, de fato, o Outro que ele destrói e não seu simulacro. Nesse sentido, não se pode afirmar que um discurso é abandonado, mas sim que ele sofreu um golpe de tal maneira que o abalou, a ponto de sua crença se transferir para outros lugares.

No tópico V do capítulo em questão, discute-se a ideia do protagonismo da polêmica na produção da superfície discursiva. Destarte, o discurso configura-se como uma unidade acrônica que, em seu início, apresenta uma competência constituída por um conjunto limitado de textos, isto é, por uma cobertura temática reduzida. Contudo, não se pode afirmar que a polêmica cria a estrutura do universo discursivo, uma vez que, além de manifestar-se nele, são questões que nascem juntas, “da mesma maneira que não se pode realmente sair da polêmica sem a intervenção do um terceiro, não se pode propriamente entrar nela: o discurso foi desde sempre tomado por ela, desde que definiu seu espaço de enunciação” (MAINGUENEAU, 2007, p. 121). Do mesmo modo que um discurso requer uma tradição, ele também institui sua própria tradição; há uma essencialidade em dizer como ele já foi dito e reforçá-lo pelos traços de uma enunciação anterior.

Dessa forma, um discurso não nasce de um retorno às coisas, mas da transformação de outros discursos, acarretando, inevitavelmente, uma polêmica ligada à interincompreensão advinda da interdiscursividade. Reforçando a discussão, Maingueneau finaliza o capítulo afirmando que o Mesmo polemiza exatamente com aquilo do qual se separou para constituir-se, e se valida a partir de cada um de seus

enunciados. O Outro, por sua vez, ilustra uma duplicidade, afetando as raízes de um discurso, ao mesmo tempo que permite que ele exista.

O conceito de *ethos*, postulado também por D. Maingueneau, será de suma importância para a análise do discurso proferido nos vídeos selecionados para as análises da presente pesquisa, uma vez que se entende que “toda fala procede de um enunciador encarnado”. Segundo o analista,

o *ethos* implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las. Esses estereótipos culturais circulam nos domínios mais diversos: literatura, fotos, cinema, publicidade etc. (MAINGUENEAU, 2013, p. 99).

O *ethos*, portanto, faz jus à imagem do “fiador”, o qual projeta sua identidade por meio da fala, que deverá, dessa maneira, ser compatível com o “mundo que ele deverá construir em seu enunciado” (MAINGUENEAU, 2013). Não se pode esquecer, também, que o co-enunciador

incorpora, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo (MAINGUENEAU, 2013, p. 100).

Dessa maneira, principalmente em vídeos publicados na plataforma Youtube, o enunciador, necessariamente, precisa conferir credibilidade através desse “personagem” que encarnará diante das câmeras, caso contrário, o público não “comprará a ideia” e os objetivos não serão alcançados.

O conceito de cena de enunciação, postulado por Maingueneau, também é central para este trabalho. Na obra *Discurso e Análise do Discurso* (2014), o analista expõe que a utilização da palavra “cena” apresenta, ao mesmo tempo, um quadro e um processo, isto quer dizer que ela é, simultaneamente, um espaço delimitado em que se apresentam as peças e uma sequência de ações, sejam elas verbais ou não verbais, que compõem esse espaço. Dessa forma, “a cena de enunciação de um gênero de discurso não é um bloco compacto. Ela faz interagir três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia” (MAINGUENEAU, 1993).

Ao recorte de um setor da atividade social dá-se o nome de cena englobante ou tipo de discurso – como o político, o publicitário, o religioso etc. –, que impõe algumas

coerções específicas aos participantes da cena. Entretanto, por exemplo, se um texto é conservado e reempregado em um novo contexto, há a possibilidade de haver cenas englobantes diferentes da empregada originalmente. Por outro lado, as cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas e podem estar associadas às finalidades de atividades das quais os locutores participam, pela possibilidade de regulação de estratégias de interpretação de enunciados e pela produção de sentidos. Além disso, associam-se, também, à compreensão sobre os papéis atribuídos aos parceiros, como direitos, deveres e competências específicas, o lugar apropriado para o sucesso (seja ele físico ou não) que pode, em algumas situações, ser imposto. Assim como a um modo de inscrição na temporalidade, a um suporte, a uma composição e a um uso específico de recursos linguísticos.

A cenografia, por sua vez, consiste em construir sobre uma base (constituída pelas cenas englobante e genérica) uma encenação singular, tendo em vista que enunciar não se restringe a apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia. A cenografia legitima um discurso que será reconhecido pelos destinatários; mesmo que imposta desde o início, só será validada por meio da própria enunciação. Ademais, a cenografia somente será desenvolvida plenamente através do controle de seu locutor, podendo ainda apresentar-se sob duas modalidades distintas: “endógenas” e “exógenas” - a primeira como resultado da importação de outra cena genérica; a segunda, “se constrói atribuindo um valor particular às variáveis de qualquer situação de enunciação” (MAINGUENEAU, 2014, p. 125).

A noção de cenografia será central na análise do *corpus* desta dissertação, ao lado da noção de hipergênero, que tem se mostrado bastante produtiva para análise de certas práticas comunicativas na internet – justamente para este trabalho, em que analisamos vídeos do Youtube, a noção também se mostrou muito produtiva.

Em *Doze Conceitos em Análise do Discurso* (2010), no capítulo 7, Maingueneau apresenta o conceito de hipergênero, iniciando a discussão com a distinção entre gênero e hipergênero. Segundo o autor, há um consenso entre os analistas do discurso acerca da noção de gênero que, pelo viés sociológico e linguístico, configura-se com um mesmo significado e tem grande importância na disciplina.

Inicialmente, pensar em “gênero do discurso”, ou gênero textual, é levar em consideração alguns critérios situacionais, como mídiun, papel dos participantes, objetivo, organização textual, tempo e espaço etc. Os gêneros são considerados dispositivos de comunicação sócio historicamente condicionados; entretanto, esta é

uma concepção relativamente recente, mesmo que originária da retórica e da poética. Gênero do discurso tem sido usado, há algumas décadas, por influência da etnografia, para descrever múltiplos enunciados produzidos na sociedade, e é por essa razão que jornais, programas de entrevista na TV, transações em lojas etc. têm sido categorizados como gênero do discurso. Para o analista, essa concepção de gênero está fortemente relacionada a eventos comunicativos, em que as comunidades de fala se tornam sistema desses eventos.

Apesar de nem todos os estudiosos concordarem com a maneira como os gêneros devam ser analisados, há uma estabilidade sobre a noção utilizada. Entretanto, de acordo com Maingueneau, quando se aceita a concepção de discurso como dispositivo condicionado sócio historicamente, categorias como carta, diálogo e diário não podem ser classificados como gênero do discurso, mas sim como hipergêneros. Os hipergêneros enquadram uma larga faixa de textos que podem ser usados em diversos períodos históricos e em países diferentes, por não sofrerem coerções sócio históricas fortes. Exemplificando: para um texto se categorizar como diálogo, basta escalar dois interlocutores. O diálogo era a principal forma de expor ideias na Europa do século XVI; já no século XVII, foi substituído por outro hipergênero, a carta. Essas escolhas são arquitetadas à conveniência da época; o diálogo pode ativar certas possibilidades, como imitação do teatro e sua função didática, o que dá ao autor a possibilidade de expor posicionamentos distintos sem se responsabilizar por eles.

Dessa maneira, segundo Maingueneau, na análise do discurso, os hipergêneros se encaixam acima da categoria dos gêneros. Nessa linha de raciocínio, é possível pensar certos dispositivos midiáticos da Web como hipergêneros. Para o analista, os blogs, por exemplo, não podem ser considerados um gênero, pois possuem restrições socio históricas fracas; são melhor classificados como hipergêneros, pois obedecem a fortes restrições materiais. Para exemplificar, o analista apresenta os sites categorizados como blogs franceses que são bastante diversos, como o Blog da Melanie, o Blog Sexy da Sophie, o Blog de Françoise Vallet e o Blog do Douglas, em que um é institucional e apresenta informações de uma Universidade; outro é comercial e “vende” os serviços de uma garota que fala em primeira pessoa; outro é o blog de uma política francesa socialista; e, o último, faz propaganda de uma profissão, a arteterapia. A identidade de cada blog não é dada, pois, por se tratar de um hipergênero, mas pela encenação que cada um faz da própria

cena de enunciação. Em outras palavras, a identidade discursiva de cada blog decorre da cenografia mobilizada.

Maingueneau apresenta, neste capítulo, o tópico intitulado “Formas de textualidade”, no qual afirma que a Web não se restringe a uma plataforma que possibilita a formação de novas genericidades, mas transforma as condições de comunicação. Por isso, a discussão a respeito da maneira como se analisam os gêneros se faz produtiva. Na época em que se dominava o impresso, a concepção clássica de gênero foi estruturada em duas hierarquias: a) Suporte: mídiun > modos de comunicação do mídiun > hipergênero > gênero; e b) Cena de enunciação: cena englobante > cena genérica > cenografia. Entretanto, na internet, a situação é diferente, pois as coerções genéricas estão se tornando mais fracas, já que as unidades comunicacionais de mesma ordem são submetidas a muitas restrições técnicas, reforçando uma homogeneização, e a cenografia acaba ganhando um papel central: o relevante passa a ser encenar a comunicação a partir de estratégias construtoras das identidades de seus produtores.

A escolha da cenografia, portanto, passa a ser deveras importante, pois é por meio dela que o produtor pode impor o quadro comunicacional, a imagem dos parceiros e a interrelação entre eles. Todavia, não se pode considerar essas características independentes da natureza icônica dos websites, que podem ser considerados iconotextos, por serem páginas em uma tela de computador, com imagens, e por integrarem foto e texto, o que implica uma forma específica de textualidade, fugindo da tripartição oral, impressa e eletrônica. A textualidade de navegação na internet implica uma nova maneira de ler (por exemplo, a possibilidade de passar de uma página para a outra em um espaço aberto) e, nesse tipo de textualidade, a cena genérica não exerce mais papel principal, mas sim o par hipergênero/cenografia.

Sintetizando, pois, o que Maingueneau postula neste texto, diríamos que as produções da Web são resistentes à concepção clássica de gênero do discurso e, por isso, a categoria de hipergênero (ou melhor, o par hipergênero/cenografia) vem ocupar um lugar crucial na compreensão dos novos modos de genericidade e textualidade na internet.

CAPÍTULO 2

CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*, METODOLOGIA, HIPÓTESES, QUESTÃO E OBJETIVO DE PESQUISA

No capítulo anterior, foram apresentados os pressupostos teóricos de Maingueneau (1997, 2005, 2007, 2010, 2013) fundamentais para a análise dos discursos de *youtubers* negros a respeito das concepções do que é ser negro no interior da comunidade negra no Brasil. Iniciaremos este capítulo buscando descrever a plataforma Youtube, a fim de demonstrar por que se trata de um hipergênero.

O Youtube é uma famosa plataforma de *streaming*² de vídeos on-line. Como a maioria dos vídeos disponíveis na internet, no Youtube, o usuário, dono de uma conta/canal, deve enviar o vídeo pelo próprio navegador, como se fosse anexar arquivos em um e-mail, por exemplo.

Imagem 1: Como enviar vídeos para um canal na plataforma Youtube



Fonte: Arquivos da autora (2021)

² *Streaming* é uma forma de distribuição digital, em oposição à descarga de dados. A difusão de dados, geralmente em uma rede através de pacotes, é frequentemente utilizada para distribuir conteúdo multimídia através da Internet. Nesta forma, as informações não são armazenadas pelo usuário em seu próprio computador.

Esses vídeos são recebidos pelos servidores da plataforma e transformados em diversos arquivos diferentes, de modo que seja possível a reprodução por também diversos dispositivos tecnológicos, em maior ou menor resolução. A plataforma apresenta como compromissos combater conteúdos nocivos, promover o bem-estar digital, combater o ódio, promover a proteção infantil, a proteção aos dados dos usuários, combater a desinformação, restringir conteúdos extremistas, dentre outros.

Os usuários que desejam ter um canal na plataforma para postagem de seus vídeos podem fazê-lo através da criação de uma conta no Google. A personalização de suas páginas dentro da plataforma acontecerá através das imagens de capa, da descrição e da edição de vídeos. Não há recursos diversos que tornem as páginas muito diferentes entre si. A personalidade de cada canal ocorrerá através do conteúdo dos vídeos. As restrições técnicas impostas são muitas, o que acaba padronizando os canais de certa forma. Entretanto, cada *youtuber*, mobilizando cenografias específicas, cria a identidade de suas páginas.

Há duas opções para criar um canal no Youtube, pessoal ou com nome de uma empresa. Após a escolha do tipo de canal, é possível adicionar uma foto de perfil e a descrição que melhor se enquadra ao canal; há, também, a possibilidade de adicionar links de sites ou de redes sociais. Na aba de personalização do canal, é possível, ao usuário, editar o layout, o *branding*³ e as informações do canal.

Imagem 2: Personalização do canal na plataforma Youtube

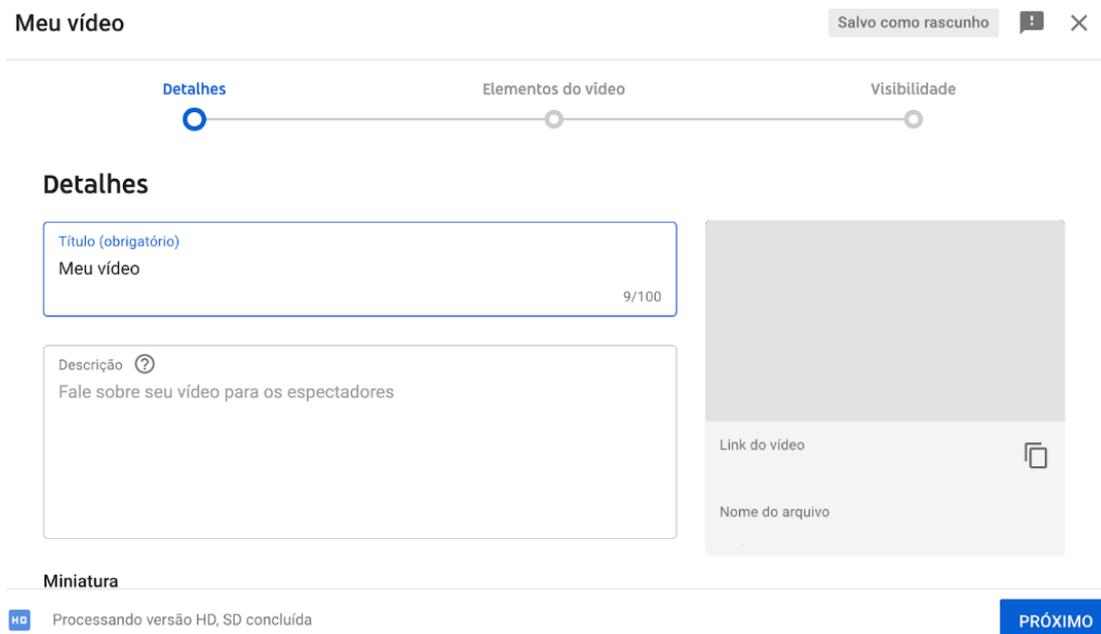


Disponível em: <<https://blog.hotmart.com/pt-br/criar-canal-no-youtube/>>.

³ *Branding* é o mesmo que a representação simbólica de uma entidade, qualquer que ela seja, algo que permite identificá-la de um modo imediato, pode ser um signo, um símbolo ou um ícone, sua marca.

No layout, é possível adicionar um trailer que será a introdução de todos os vídeos do canal, colocar algum vídeo em destaque e organizar as sessões como desejar. Em *branding*, há a possibilidade de editar a imagem de perfil, o banner do canal e a marca d'água dos vídeos. Já nas informações básicas, é possível editar o nome do canal, descrição, idioma, URL, links e dados de contato.

Imagem 3: Personalização de um vídeo na plataforma Youtube



Fonte: Arquivos da autora (2021)

Após esta etapa, é possível inserir a tela final e os *cards* do vídeo, além de definir a visibilidade e o horário para postagem, que pode ser programada. Depois de publicar o vídeo, as possibilidades de interação acontecem por meio de comentários feitos por seguidores ou por não seguidores do canal, além disso, há a função "like" e "dislike" (gostei ou não gostei do vídeo); também é possível compartilhá-lo para outras redes sociais. O engajamento se dará pelo número de acessos e de visualizações, o que pode gerar retorno financeiro ao canal, inclusive. Por isso, a plataforma tem ganhado tanta visibilidade nos últimos tempos, pois é um lugar em que há a possibilidade de qualquer pessoa ter um canal, postar conteúdos e gerar lucro aos produtores de vídeos que a alimentam.

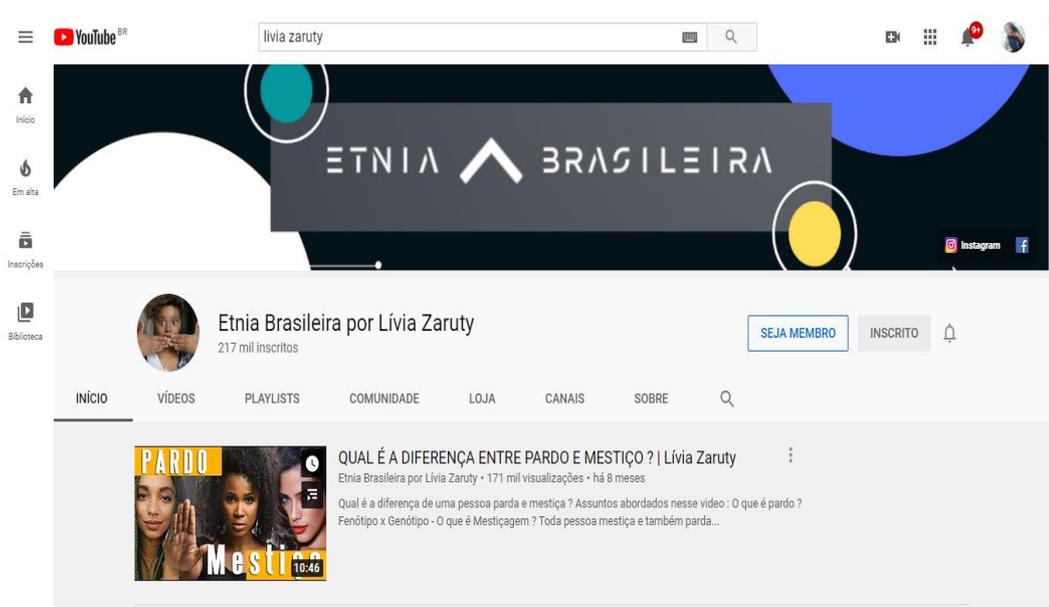
Em termos mais técnicos, a plataforma Youtube é um site de compartilhamento de vídeos que podem ser enviados por seus usuários através da internet. O termo vem do inglês e, popularmente, é utilizado como uma gíria para designar televisão

(um “canal feito por você”). A ideia é a mesma da televisão, com muitos canais disponíveis, com a diferença crucial de que os canais do Youtube são criados pelos próprios usuários que podem compartilhar vídeos, sobre diversos temas, que ficarão disponíveis a qualquer pessoa que tenha acesso à internet, sendo possível, também, adicionar comentários dos vídeos pelos usuários que os assistirem e também pelo dono do canal.

A chamada web 2.0 permitiu uma ampliação nas interfaces de modo que os usuários pudessem ter maior autonomia, podendo interagir e produzir conteúdo. O usuário, portanto, acaba tendo uma importância crucial nas plataformas da web, por meio de comentários ou pela intervenção de processos colaborativos. A web 2.0 seria uma espécie de customização das interfaces e das plataformas, de acordo com os gostos de seus usuários.

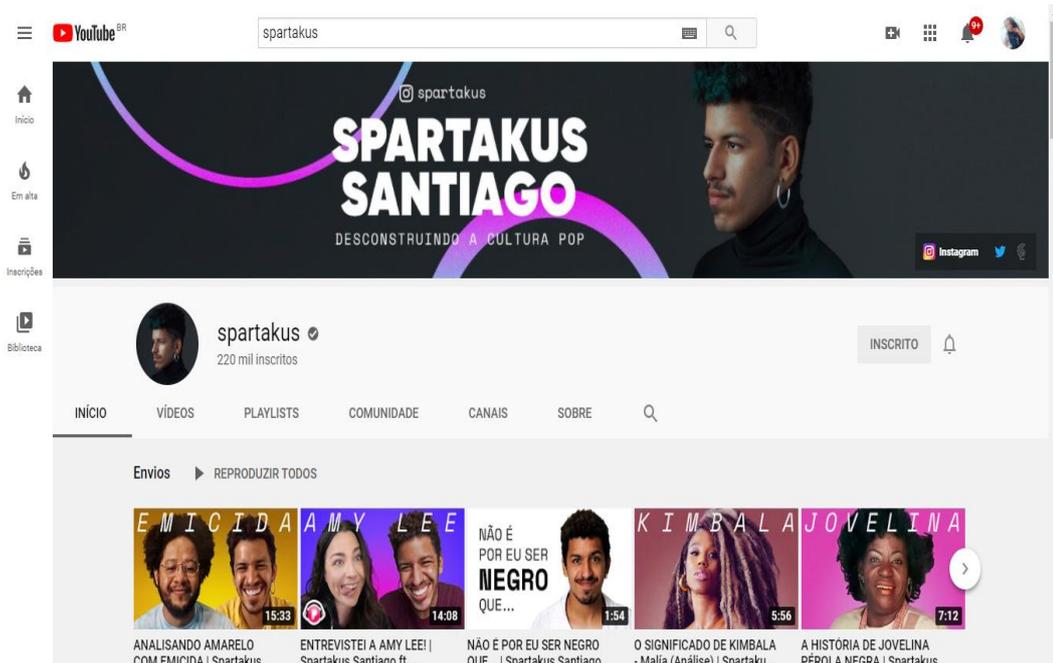
Nas imagens a seguir, é possível verificar as restrições técnicas da plataforma Youtube, pois ela permite como personalização estética apenas o layout do canal, cabendo ao enunciador utilizar recursos visuais na edição dos vídeos e, principalmente, empenhar-se na encenação de fala para instaurar sua identidade discursiva.

Imagem 4: Canal “Etnia Brasileira” personalizado na plataforma Youtube



Fonte: Arquivos da autora (2020)

Imagem 5: Canal “Spartakus Santiago” personalizado na plataforma Youtube



Um aspecto social muito importante diz respeito à popularidade atingida por alguns vídeos caseiros, fato que tem levado anônimos a se tornarem celebridades – os chamados de influenciadores digitais ou produtores de conteúdo –, o que tem feito a plataforma atingir proporções gigantescas nos últimos anos por se configurar como um espaço democrático em que qualquer pessoa que crie uma conta possa, a partir de vídeos, divulgar sua opinião a respeito de qualquer assunto. Além disso, fazer parte desse novo universo tem se tornado rentável, já que o engajamento (número de visualizações, *likes* e compartilhamentos, em conjunto) do público pode proporcionar um retorno financeiro ao criador de conteúdo do canal, ao mesmo tempo em que democratiza o acesso a determinados assuntos que, sem a plataforma, estariam restritos a discussões em grupos e a comunidades presenciais.

Entretanto, há uma barreira técnica que faz com que todos os canais, pelo menos “estruturalmente”, não consigam se diferenciar muito uns dos outros (por isso, a Plataforma Youtube pode ser analisada como um hipergênero), de modo que é somente pela cenografia que os locutores serão possibilitados de construir suas identidades discursivas. Assim sendo, o par hipergênero/cenografia permitirá analisar o processo de constituição de identidade dos canais considerados e de seus *youtubers*, por meio da análise dos vídeos recortados como *corpus* deste trabalho.

Tais vídeos tratam da mesma temática e diferenciam-se pelo modo como os *youtubers* se posicionam em relação ao que é “ser negro”. Os vídeos analisados apresentam índices de que se respondem mutuamente, ou seja, de que a constituição do posicionamento (da identidade discursiva) de cada *youtuber* decorre do funcionamento do interdiscurso, de cujo primado instaura-se a seguinte coerção: as identidades discursivas não se constituem separadamente para, depois, serem postas em relação, mas constituem-se mutuamente por meio de relações polêmicas.

Os canais e os vídeos selecionados possuem um nível considerável de seguidores e têm como foco principal a discussão de situações relacionadas à comunidade negra e a temas polêmicos de forma geral, sejam atualidades ou acontecimentos, sejam questões mais complexas, como o racismo estrutural no Brasil.

Os *youtubers* são:

1) Livia Zaruty, responsável pelo canal de Youtube “Etnia Brasileira” (217 mil inscritos em 2021) e o vídeo analisado intitula-se “Rayza Nicácio, Nátaly Neri, Débora Ninja, Spartakus – Blackfishing made in Brasil”, com 164 mil visualizações e postado em dezembro de 2018. Zaruty se destaca no cenário da plataforma Youtube por sempre abordar questões relacionadas à comunidade negra, criando conteúdos audiovisuais que são uma espécie de resposta a outros vídeos que circulam nas redes, mesmo que não direcionados a ela. A proposta é sempre deslegitimar esse discurso com o qual ela discorda, refutando-o com um tom de petulância e de agressividade, a fim de rebaixar o posicionamento alheio, contrário ao seu.

2) Spartakus Santiago, responsável pelo canal “Spartakus” (220 mil inscritos em 2021), e o vídeo analisado intitula-se “O pardo é negro? Colorismo, Passabilidade, Eugenia: O que é ser negro de pele clara no Brasil”, com 185 mil visualizações e postado em janeiro de 2019. Spartakus aborda temáticas mais amplas em seu canal, dentre elas, questões ligadas à comunidade negra e às pautas LGBTQIA+ (assuntos considerados tabus na sociedade) e analisa também produções musicais da cultura pop. Seu público é majoritariamente composto por negros ou integrantes da comunidade LGBTQIA+. Em seus vídeos, a personalidade em questão busca apresentar informações, carregando, por vezes, no tom didático, quando apresenta argumentos e exemplificações para esclarecer determinados conceitos. Ao contrário de Zaruty, Spartakus, não produz conteúdos que se apresentam, explicitamente, como respostas ao posicionamento de outros *youtubers*.

Os vídeos se popularizaram entre a comunidade negra por trazerem discussões abertas a respeito da concepção de negro e do Colorismo, teoria proposta inicialmente por Alice Walker (1982) que, resumidamente, afirma que o racismo se orienta pela cor da pele do indivíduo, de modo que, quanto mais escura e mais traços negroides a pessoa apresentar, mais racismo e discriminação ela sofrerá, enquanto que, quanto mais clara a cor da pele, mais passabilidade ela apresentará, ou seja, quanto mais próxima ao padrão “branco”, mais tolerável será sua presença na sociedade e, dessa forma, sofrerá menos discriminação do que um negro de pele retinta.

A postura dos *youtubers* diante da problemática também foi um fator determinante para seleção dos dois vídeos para a análise: um se apresenta com petulância e índices de agressividade ao tratar da polêmica, criticando abertamente outros “colegas de trabalho”, os quais, sequer são encarados como negros pela influenciadora, uma vez que assumem o conceito de população negra postulado pelo IBGE (pretos e pardos); o outro influenciador se mostra mais aberto a explicar didaticamente termos e concepções, apoiando-se, inclusive, em estudiosos sobre o assunto.

A princípio, as hipóteses iniciais giravam em torno do conceito de Colorismo e como personalidades negras obtêm (ou não) espaço nas mídias e na publicidade de acordo com a tonalidade de sua pele. Entretanto, ao analisar diversos vídeos, notamos uma questão ainda maior: a concepção de negro que ultrapassa conceitos biológicos e torna-se, por vezes, ideológico e político. Dessa forma, as investigações tomaram um novo rumo, e a hipótese, por isso, mudou, direcionando a pesquisa para uma nova indagação: como se dá a polêmica em torno da constituição das duas identidades discursivas envolvidas na polêmica analisada a respeito do que é “ser negro”?

Com base nessa questão, traçou-se o objetivo central desta dissertação: analisar, a partir do par hipergênero/cenografia e do conceito de *ethos*, o modo como os *youtubers*, tomados numa relação polêmica, constroem suas identidades discursivas. A contribuição, conforme já apontado na Introdução deste trabalho, é demonstrar que, no caso de hipergêneros, além da cenografia, o *ethos* do enunciador também deve ser considerado como aspecto crucial na constituição das identidades discursivas.

Em relação à metodologia de pesquisa, seguiremos Maingueneau (2007), segundo o qual o tratamento metodológico do *corpus* deverá partir de hipóteses

fundamentadas na história e em um conjunto de textos, sendo que a análise desse conjunto pode vir a confirmar ou refutar as hipóteses estabelecidas. Dessa perspectiva metodológica, o imbricamento entre texto e contexto, ou melhor, entre discurso e condições de produção é radical, e a abordagem do *corpus* deve considerar isso, de modo que os textos sejam sempre analisados enquanto práticas discursivas sujeitos inscritos em posicionamentos, e nunca como materialidades autônomas.

No capítulo a seguir, buscaremos compreender as concepções de raça e de negro presentes em documentos oficiais e discutidas/assumidas em diferentes áreas do conhecimento, bem como compreender do que se trata o conceito de Colorismo, aspectos relacionados às condições do discurso analisado.

CAPÍTULO 3

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Por um viés biológico, raça configura-se como um grupo de pessoas ou de animais com determinadas características físicas hereditárias comuns; por um viés antropológico, raça configura-se como um conjunto de indivíduos com origem étnica, linguística ou social comum. Para alguns estudiosos da Antropologia, segundo a página dedicada a assuntos ligados à comunidade negra Geledes, raça configura-se como um grupo de pessoas que possuem os mesmos ancestrais, compartilham das mesmas crenças, valores, linguagem ou qualquer outro traço cultural ou social. Todavia, não há um consenso a respeito dessa definição, pois os limites são demasiadamente inconstantes.

Segundo Santos (2010),

o termo raça tem uma variedade de definições geralmente utilizadas para descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas. A maioria dos autores tem conhecimento de que raça é um termo não científico que somente pode ter significado biológico quando o ser se apresenta homogêneo, estritamente puro, como em algumas espécies de animais domésticos. Essas condições, no entanto, nunca são encontradas em seres humanos. O genoma humano é composto de 25 mil genes. As diferenças mais aparentes (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz) são determinadas por um grupo insignificante de genes. As diferenças entre um negro africano e um branco nórdico compreendem apenas 0,005% do genoma humano. Há um amplo consenso entre antropólogos e geneticistas humanos de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem.

Entretanto, há um posicionamento diferente, se levado em conta a jurisprudência brasileira. O Supremo Tribunal Federal (STF) ancora a concepção de raça em critérios fenotípicos, isto é, na aparência. Nessa perspectiva, a cor da pele é considerada um marco para decisões judiciais, encarada com um critério para classificação racial, contando, assim, com respaldo jurisprudencial. Ademais, a declaração legal também conta como um critério de classificação. Segundo as Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial,

ainda que o candidato não tenha registros públicos que o identifiquem como negro, ele será considerado negro se aqueles registros assim identificarem seus pais, independentemente

de sua aparência e/ou fenótipo, seguindo definição jurisprudencial do Tribunal Superior do Trabalho. (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 32)

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as pesquisas em relação à cor ou à raça da população brasileira têm como base a autodeclaração. Compõem a população negra os autodeclarados pretos e pardos, configurando 56% da população brasileira. A autodeclaração se torna polêmica à medida em que não há critérios preestabelecidos para determinar a cor/raça do declarante por parte da instituição; o que se leva em conta é apenas a declaração do entrevistado. Por outro lado, é preciso levar em conta a constituição da população brasileira como um todo, que se deu pela miscigenação das raças e pelas políticas de branqueamento, ficando praticamente impossível estipular “limites” entre as raças. Além disso, de acordo com Munanga (2004, p. 52),

num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade de negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico.

Ademais, nos dias de hoje, com a biologia molecular, muitos brasileiros, aparentemente brancos, descobrem que trazem marcadores genéticos africanos, sendo possível afirmarem que são afrodescendentes, o que dá margem à polêmica sobre o conceito ou a determinação do que seria uma pessoa negra, já que a autodeclaração basta em nosso país em muitas situações. Além disso, levando em conta o histórico de preconceito racial no Brasil, que fez com que, por muitos anos, negros buscassem se aproximar do padrão branco e/ou eurocêntrico, para a população negra brasileira hodierna, a autodeclaração se tornou uma decisão política. Essa questão se reforça com a falsa ideia de democracia racial difundida no Brasil, por ser uma nação construída a partir de políticas de branqueamento da população.

Não se pode ignorar que, de acordo com Guimarães (2011), entre 1940 e 1970, o termo raça foi banido do vocabulário científico, político e social, devido a dois fatores: i) ¼ da população brasileira se autodeclarava branca; ii) em termos mundiais, foram várias as tragédias causadas pelo racismo, como Holocausto, segregação racial nos Estados Unidos, *apartheid* na África do Sul e Segunda Guerra Mundial, por exemplo. Entretanto, o termo raça tem retornado ao uso como qualificador social, mas, dessa

vez, com uma conotação inclusiva e de reivindicação, advinda dos movimentos de jovens pretos e mestiços com o objetivo de afirmação.

Nesse contexto, desenvolveu-se um embate entre aqueles que acreditam que ser negro é apresentar, fenotipicamente, traços negroides e aqueles que creem que o genótipo deve ser levado em consideração nessa determinação. Acentua-se, por exemplo, uma rivalidade entre negros de pele clara e negros de pele escura, já que os últimos podem alimentar um sentimento de injustiça, propagado pela ideia de que pessoas de pele clara não seriam negras, o que fica bastante perceptível, por exemplo, no vídeo de Livia Zaruty:

1. “O problema é que aqui, Brasil, você ficar se vendendo de negro acaba trazendo consequências e prejudicam, justamente, a comunidade preta, que é minoria no Brasil. E, no Instagram, isso está virando um fenômeno, cada vez mais e mais *influencers* estão entrando nessa onda de quererem virar negros” (ZARUTY, 3:21).

Neste trecho, a *youtuber*, que é negra de pele escura, nega a negritude de quem tem pele clara, principalmente quando se começa a ocupar espaços que deveriam ser destinados à parcela negra de pele escura, ou os “reais negros”, segundo o posicionamento de Zaruty. Vejamos:

2. Gente, fiquei assim... chocada. A menina branca, branca, branca, branca. ((exibição de imagens da influencer na divulgação do filme em um vídeo no canal do Youtube com o rosto desfocado)) Ela fez um vídeo de looks e fez também o vídeo... é... falando, né, sobre o filme, então assim, foi patrocinada, um filme onde falava de empoderamento de pessoas pretas... nem pra fazer publicidade aqui no Brasil eles usaram, usaram uma menina branca que tem cabelo cacheado, ela diz que é negra” (ZARUTY, 3:50).

A análise da estética dos vídeos, o ambiente em que foram gravados e a plataforma na qual foram postados são elementos que interferem no modo de os *youtubers* exporem suas opiniões a respeito do assunto abordado, bem como os efeitos de sentido que os vídeos produzem.

Na polêmica em torno do tema, não se pode deixar de fora da discussão o conceito de Colorismo, mencionado pela primeira vez na obra de Alice Walker, no

ensaio “If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?”, publicado no livro *In Search of Our Mother’s Garden*, em 1982. O termo se refere à discriminação baseada na tonalidade da pele, diferente do racismo que se baseia na orientação do indivíduo como pertencente a determinada raça, para poder exercer a discriminação.

No início do século XX e pós-abolição, no Brasil, a maioria dos problemas de saúde pública eram associados à população negra. Dessa forma, parte da comunidade médica brasileira começou a acreditar que a melhoria da raça brasileira só se daria com um embranquecimento da nação, ou seja, deveria predominar a raça branca. Monteiro Lobato, um dos grandes intelectuais da época, era adepto aos preceitos da eugenia, termo que significa “bem-nascido”.

O darwinismo social também potencializava as ideias eugênicas; para a elite brasileira, era impossível que um país fosse bem-sucedido com mão de obra majoritariamente negra. Por esse motivo, o país abriu as portas para os imigrantes europeus, que ocupariam os postos de trabalhos, excluindo a comunidade negra, e a política da branquitude poderia, enfim, se concretizar. A miscigenação entre imigrantes europeus e negros era incentivada pela política de Estado da época, como forma de efetivar o embranquecimento da população. Foi essa política que contribuiu para a falácia presente até hoje no Brasil, de que se vive em uma democracia racial.

Com essa mistura de raças e tendo o padrão branco como ideal, os indivíduos que mais se aproximassem desse padrão teriam certos privilégios em comparação a indivíduos de pele escura. Mesmo que não desfrutassem dos mesmos direitos de uma pessoa branca, o negro de pele clara era visto como mais “agradável” e “tolerável” aos olhos da população branca. Essa tolerância pela branquitude ao sujeito negro de pele clara acabou por gerar, por vezes, uma rivalidade entre negros de pele clara e negros de pele escura e acarretou uma divisão no grupo da comunidade negra, muitas vezes, estrategicamente pensada pela branquitude, como forma de enfraquecer a comunidade, suas lutas e seus movimentos identitários, de modo que parte da comunidade negra passa a negar sua identidade para encaixar-se, ou aproximar-se, ao padrão branco.

Cabe salientar que os estudos na área de raça e os conceitos sobre negro no Brasil são extensos. Não os abordaremos aqui de forma exaustiva, mas fazemos questão de reforçar que muitos estudiosos têm se dedicado a essa temática, o que

culmina com diversos vieses sobre a miscigenação, fator importante na análise, quando se fala em composição da população brasileira.

A seguir, no capítulo de análise, buscaremos demonstrar como se dá a polêmica entre esses dois posicionamentos a respeito do que é ser negro, no interior da comunidade negra brasileira.

CAPÍTULO 4

ANÁLISES

Assumindo que o YouTube é um hipergênero em que, por meio de cenografias, os discursos do eu constituído encontram um notável espaço de construção de si e escuta, os vídeos publicados transformam-se num lugar de propagação daquilo que representa o particular. Neste capítulo, a partir do par hipergênero/cenografia, pretende-se dar visibilidade à relação polêmica entre os *youtubers* Spartakus Santiago e Lívia Zaruty, por meio da qual constituem suas identidades.

Presente no ambiente da internet, O Youtube possui formas específicas de interação entre usuários e os responsáveis pelo canal criado na plataforma, como a possibilidade de compartilhamento de vídeos, postagem de comentários, a avaliação com “gostei” e “não gostei”. No caso específico do Youtube, as restrições de ordem técnica permitem um número limitado de interações entre o dono do canal e seus seguidores e é, por meio delas que se tem um “termômetro” para o influenciador analisar a aceitação de seus vídeos e temáticas. A plataforma disponibiliza, ainda, dados sobre idade e sexo dos seguidores, de maneira que se possa moldar o conteúdo para agradar cada vez mais aquele público, criando uma ambientação, tanto na temática, quanto na linguagem e nos cenários, que potencializem o engajamento e, com isso, seja possível gerar uma monetização⁴ cada vez maior. Além disso, há também a possibilidade de o *youtuber* poder editar um pequeno texto com informações sobre o vídeo, uma espécie de sinopse ou de informações adicionais que, supostamente, seriam importantes a quem assiste ou assistirá ao vídeo. A plataforma dispõe apenas desses espaços de interação, o que faz com que a cenografia presente nos vídeos seja a maior forma de expressão dos produtores de conteúdo.

Na imagem a seguir, é possível conferir os espaços na plataforma disponíveis para inserção de comentários dos usuários, que podem ser respondidos pelo dono do canal, e o espaço dedicado à inserção de informações extra sobre o vídeo e os botões de “gostei” e “não gostei”. É importante salientar que a disposição desses espaços,

⁴ A monetização do Youtube é a remuneração paga conforme a visualização e cliques nos anúncios veiculados nos vídeos mais relevantes. Para isso, o criador dos vídeos deve alcançar um número mínimo de seguidores e exibição nos vídeos - a cada mil visualizações o dono do canal recebe um valor correspondente em dólar.

tamanhos ou qualquer tipo de edição não são possíveis, sendo idênticos em todos os canais, mais uma restrição técnica do hipergênero em questão.

Imagem 6: Seção de comentário na plataforma Youtube



Fonte: Arquivos da autora (2021)

O vídeo intitulado “Rayza Nicácio, Nátaly Nery, Debora Ninja, Spartakus – Blackfishing made in Brasil”, da *youtuber* Livia Zaruty, do canal “Etnia Brasileira”, polemiza com influenciadores (que, para ela, não são negros) que se utilizam de elementos próprios da cultura negra para ganharem visibilidade e, conseqüentemente, parcerias com publicidade, ocupando espaços que, segundo ela, deveriam ser ocupados por pessoas negras “genuínas”, de pele retinta.

O vídeo é gravado em um ambiente interno, possivelmente em um quarto, em que ela aparece centralizada e gesticulando bastante, como em uma conversa com alguém próximo. Para introduzir a temática, inicia dizendo que “a BBC anda fuxicando meu canal, ou realmente é o destino”. Ao mencionar essa corporação internacional, como seguidora de seu trabalho, ela se apresenta como alguém portadora de credibilidade para abordar o assunto de que irá tratar: o número de influenciadoras digitais que, segundo ela, “se descobriram negras”. Zaruty afirma que, há tempos, sevem se dedicando à discussão do tema, mas somente naquele momento estava ganhando a notoriedade necessária.

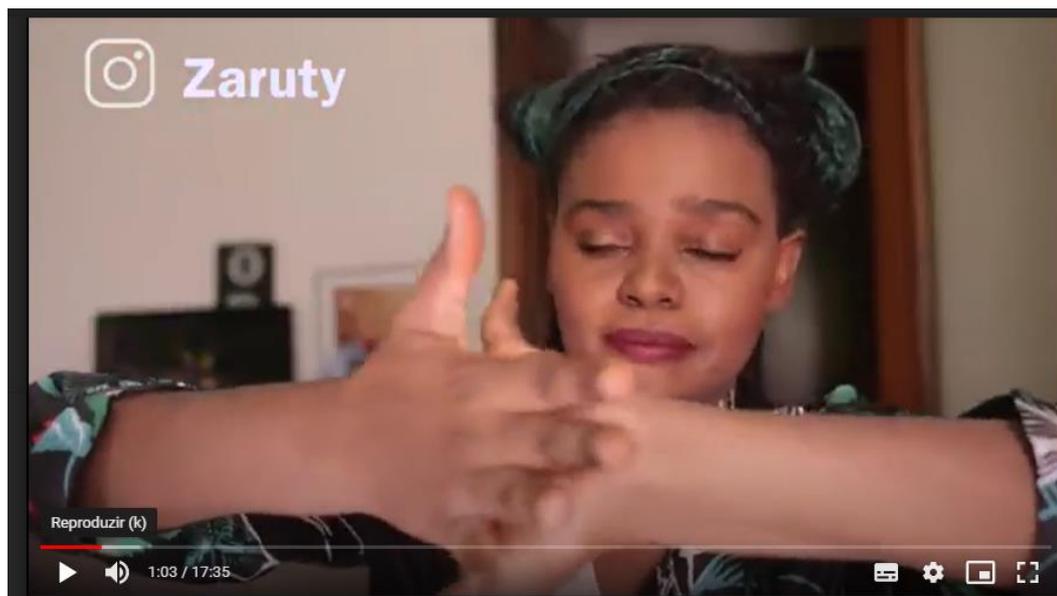
A cenografia mobilizada no vídeo é construída, pois, com um intuito específico e validada na/pela própria enunciação. Ao se posicionar frente à câmera, em um

ambiente intimista, mobilizando, conforme já dito, uma cenografia de conversa informal, Zaruty reforça uma ideia de que, quem expõe aquela opinião é alguém que está/se coloca como próximo ao expectador. Entretanto, a *youtuber* discursa colocando-se numa posição superior, a fim de apresentar-se como alguém que tem autoridade para falar sobre o assunto, autovalidando seu discurso validado. Além disso, a informalidade com que conduz sua fala, aproxima ainda mais seus possíveis interlocutores. Essa dupla característica de informalidade e de superioridade de posição (aspecto relacionado ao *ethos*, como demonstraremos mais à frente) coloca o público em um lugar de escuta sem possibilidade de refutação.

Consideremos, a seguir, a transcrição de dois trechos do vídeo e a captura de sua imagem:

3. “Então, não é de hoje que eu já falo que existe uma grande maioria, uma grande parcela de influenciadores digitais [sinal de aspas com os dedos] que se descobriram negras... que fazem campanhas de publicidade de cabelos e ocupam, justamente, o papel do público negro, preto.” [ao longo dessa fala são exibidas imagens exibidas de influenciadores negros de pele clara com os rostos desfocados]. Elas usam como justificativa é justamente essa confusão que existe no Brasil entre negro, preto, pardo... algo que eu já estou explicando em vários vídeos meus. Então, a maioria são meninas mestiças, de pele branca com o cabelo ondulado ou cacheados, que elas dizem que, pelo fato de ter cabelos cacheados, elas são negras. Então, isso já acontece muito no Brasil, então eu só vou querer uma coisa, não, eu vou lavar minhas mãos pretas ((sinal insinuando lavar as mãos)) beleza? Hum?” (ZARUTY, 1:03)

Imagem 7: Captura de imagem do vídeo de Zaruty com movimento com as mãos



Fonte: Arquivos da autora (2021)

Nesse trecho do vídeo (considerando a transcrição 3 e a imagem 7), é possível perceber índices recorrentes de agressividade, por meio dos quais a *youtuber* vai construindo um tom de superioridade (quando afirma, por exemplo, já ter “explicado em vários vídeos” sobre a confusão que a população brasileira faz em relação ao conceito de negro), ocupando, assim, a posição de esclarecedora a respeito do assunto e rebaixando a posição do Outro como “confusão”. Considerando-se que o canal de Lívia Zaruty se dedica às questões raciais referentes à população negra e que ela é negra de pele retinta, a imagem construída através da discursivização é a que o público deve dar atenção ao que ela fala, uma vez que há legitimidade (ela estuda o assunto há tempos e já falou sobre isso em vários outros vídeos) e, por isso, tem propriedade para opinar sobre a temática.

É possível verificar, em outros trechos, que é uma marca comum da *youtuber* utilizar a expressão “eles/elas dizem/afirmam que”, demarcando que está se referindo a um posicionamento que não condiz com o seu e que será rebatido logo adiante. O tom com que apresenta e fala do Outro não deve ser desconsiderado, pois são momentos carregados de deboche, agressividade e, por vezes, desdém.

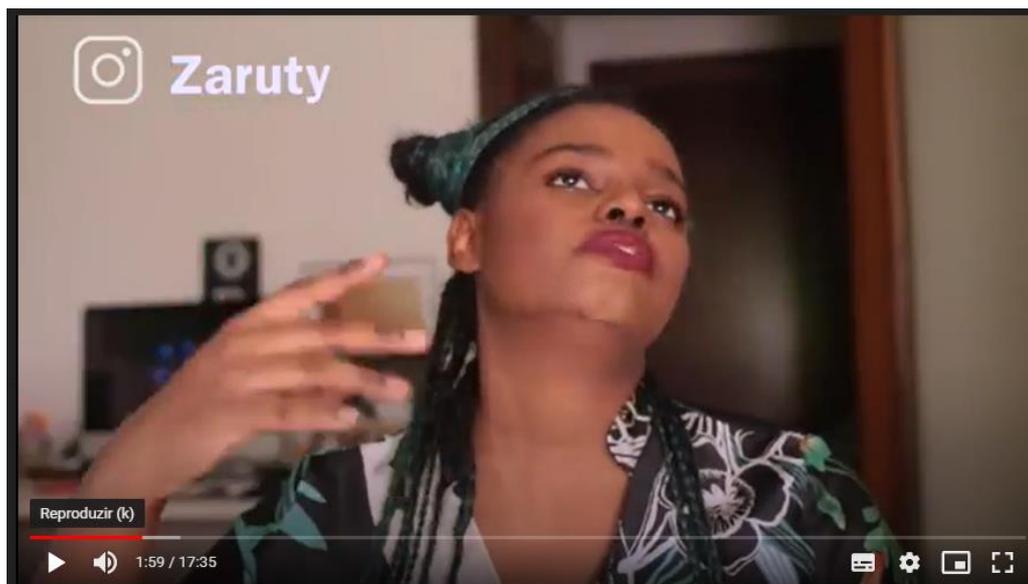
Além disso, ao utilizar a expressão “eu vou lavar as minhas mãos pretas”, Zaruty, fazendo alusão irônica a uma passagem bíblica (momento em que Pôncio Pilatos se isenta da responsabilidade pela crucificação de Jesus Cristo), busca afirmar que se isentará da responsabilidade de reproduzir ideias errôneas que consideram pessoas de pele clara como sendo negras. Segundo a *youtuber*, ela já “bateu nesta tecla” por

diversas vezes, já se dedicou a explicar o assunto em outros vídeos de seu canal e que, por isso, reafirma a *youtuber*, aqueles que seguem afirmando que é possível considerar negro quem possui pele clara e cabelos cacheados, está errado por desejo próprio e não por responsabilidade dela. Mais uma vez, é possível perceber a posição superior assumida frente ao público e o tom de petulância que emerge de sua fala. A *youtuber*, pois, reforça sua legitimidade negra e se isenta da responsabilidade pela equivocada compreensão de alguns a respeito do que é “ser negro”.

Como se pode perceber, a cenografia mobilizada e o tom vão construindo seu posicionamento (radical e restritivo) na polêmica em torno do que é ser negro no Brasil. Nesse sentido, pois, quando se trata de hipergênero, a cenografia assume o lugar de configuração de identidades discursivas, como postulado por Maingueneau.

A seguir, apresentaremos, para análise, mais um trecho de transcrição do vídeo e de captura de sua imagem:

4. Olá, olá a todos, isso aqui é etnia brasileira e eu sei que se você tá caindo aqui você não vai estar entendendo nada, vai ver uma mulher preta falando de pardo, mestiço, mas que que é isso? Então, meu querido, vou tentar resumir, não sei se você sabe, mas, no Brasil, existe lei, sabe, relacionados à cor, onde você tem determinado benefício dependendo da sua cor de pele ou cargos e, para piorar, agora, com Estatuto da Igualdade Racial, existe essa falácia de grupinho negros inventado pelo movimento negro, outro vídeo que também eu vou estar explicando, eu vou voltar ainda publicando um outro vídeo para, de novo, dizer ou explicar mais ainda, assim, mais literal mesmo, como se eu estivesse falando com uma criança de cinco anos. ((gesticulando e com feições expressando o deboche)) (ZARUTY, 1:02).



Fonte: Arquivos da autora (2021)

Zaruty põe em xeque legislações respeitadas no Brasil, principalmente pela comunidade negra, como o Estatuto da Igualdade Racial, que consiste em uma lei criada com o intuito de corrigir as desigualdades de raças, propondo garantir a efetivação de oportunidades e de direitos a todos e combater o racismo e o preconceito. Essa Lei, cujo objetivo é amparar os negros em sua complexidade, é, entretanto, apontada por Zaruty como uma medida inviabilizadora da igualdade, uma vez que busca camuflar a realidade da população negra, composta, segundo a influenciadora, por indivíduos de pele retinta apenas, diferentemente do que é exposto no documento legal, que entende como negros a população de pele retinta ou não, ou, aos moldes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que compreende como população negra pretos e pardos.

É possível compreender, em momentos como esse do vídeo, o modo típico de funcionamento de uma polêmica (MAINGUENEAU, 2007): em um dado espaço discursivo considerado, ocorre um processo de interincompreensão generalizada. No caso, o discurso de Zaruty sobre o que é “ser negro” introduz o Outro em seu fechamento (o discurso propagado pelo IBGE e disseminado pelo Estatuto da Igualdade Racial), traduzindo-o com base em suas próprias categorias e dele construindo simulacros (o Estatuto de Igualdade Racial e o IBGE inviabilizam a Igualdade). Zaruty, assim, a partir do sistema de restrições semânticas próprio a seu posicionamento, reivindica para si semas positivos (valorados positivamente), atribuindo ao seu Outro os semas negativos (valorados negativamente), que são

propriamente o que ela rejeita. No trecho, “essa falácia de grupinho negros inventado pelo movimento negro”, Zaruty deslegitima o posicionamento do Outro, traduzindo seus enunciados em categorias do avesso de si: rejeita uma possível divisão dentro do grupo de negros, para reforçar sua tese de que só há um padrão para o indivíduo negro (ter pele escura - preto retinto - e cabelos crespos).

Em contrapartida, no vídeo de Spartakus Santiago, o youtuber se posiciona na polêmica considerando que negro é tanto aquele que possui a pele retinta, quanto aquele que possui a pele clara, alinhando-se ao posicionamento do IBGE. Entretanto, não há registro polêmico na discursivização.

Consideremos um trecho transcrito do vídeo “O pardo é negro? – Colorismo, Passabilidade, Eugenia: O que é ser negro de pele clara no Brasil” de Spartakus:

5. “Quem é pardo tem a pele escura demais pra poder ter privilégio branco, mas tem a pele clara o bastante pra poder levar vantagem em relação ao racismo que os negros escuros sofrem, ou seja, sim, elas sofrem racismo, são excluídas dos espaços, elas são desvalorizadas em relação às pessoas brancas, mas elas sofrem menos racismo que as pessoas negras de pele escura porque elas têm passabilidade, ou seja, algumas pessoas não percebem que elas são negras” (SPARTAKUS SANTIAGO, 2:00).

A polêmica, segundo Maingueneau (2007, p. 22), se constitui em um espaço discursivo que pressupõe a existência de diferenças e/ou oposições de um Mesmo em relação a um Outro. As relações nesse espaço pressupõem interincompreensão, um processo de tradução mútua em que cada formação discursiva só “lê” o seu Outro a partir de seus próprios registros semânticos, constituídos de semas positivos (reivindicados) e negativos (rejeitados). Os semas negativos do sistema de restrições semânticas de uma FD não coincidem com os semas positivos do sistema de restrições semânticas da outra FD, com a qual se polemiza; diferentemente o registro negativo (rejeitado) do sistema de restrições semânticas de uma FD refere-se ao avesso de si, isto é, àquilo que um discurso tem que rejeitar para manter intacta a sua identidade. O Outro, nesse sentido, não tem existência enquanto tal no fechamento de uma identidade discursiva, mas apenas na forma de simulacro que dele se constrói (MAINGUENEAU, 2007).

Partindo desse pressuposto, no *corpus* considerado, a polêmica se constitui à medida que Zaruty confere negatividade e rejeição ao discurso de Spartakus, que constrói sua identidade discursiva com base na afirmativa de que se deve considerar negros de pele clara como negros, mesmo que esses não sofram preconceitos e discriminação como os negros de pele retinta. A posição de Spartakus é maleável em relação à caracterização do que é ser negro, e ancora-se, principalmente, em questões históricas advindas da construção do Brasil, que fez com que esta definição não pudesse se basear somente nos traços fenotípicos. Assim, podemos considerar que o discurso de Zaruty, ao restringir à categoria de negros, apenas negros de pele retinta, não consegue ler o discurso de Spartakus (mestiços e pardos são negros) como sendo um posicionamento que amplia a categoria definidora da comunidade de negros; ela não reconhece o discurso de Spartakus como legítimo (para ela, mestiços e pardos são brancos). Assim, /+ mestiços + pardos = negros/ é lido por Zaruty como /+ branco/, uma vez que um discurso não consegue “compreender” os sentidos outros que vão contra a sua própria constituição, senão de forma negativa.

No excerto 4, transcrito mais à frente, Zaruty também se opõe ao Estatuto da Igualdade Racial, criado em 2003, que visa “combater a discriminação racial e as desigualdades raciais que atingem os afro-brasileiros, incluindo a dimensão racial nas políticas públicas desenvolvidas pelo Estado”. Segundo a influenciadora, o Estatuto serviu para beneficiar pessoas de acordo com a cor da pele ou cargos. O tom irônico, entretanto, deixa dúvida quanto ao posicionamento de Zaruty e se ela estaria referindo-se, especificamente, à lei de cotas, um dos capítulos do Estatuto da Igualdade Racial. É importante destacar que este estatuto causou controvérsia, inclusive, entre pessoas brancas, o que já era previsto por seus elaboradores:

A nossa intenção ao apresentar o Estatuto da Igualdade Racial em defesa dos que são discriminados por etnia, raça e/ou por cor é fomentar o debate contra o preconceito racial tão presente em nosso País. Sabemos que esta proposta poderá ser questionada e, conseqüentemente, aperfeiçoada para que no dia de sua aprovação se torne um forte instrumento de combate ao preconceito racial e favorável às ações afirmativas em favor dos discriminados (BRASIL, 2003).

O indivíduo que se coloca na posição de questionar uma lei, geralmente, apresenta embasamento teórico para justificar esse posicionamento e expor argumentos que deem consistência à tese. Entretanto, Zaruty não expõe

didaticamente sua opinião ou seus argumentos que justifiquem tal posicionamento, reforçando a cenografia construída, de conversa informal, por meio da qual busca construir um posicionamento com base em meros “achismos” ou em opiniões sem embasamento em fatos. Nessa dinâmica, a *youtuber* rebaixa quem se opõe a seu posicionamento a “ignorantes que não têm conhecimento sobre o assunto”, reforçando seu radicalismo frente à temática. Consideremos o trecho a seguir:

6. Gente, fiquei assim... chocada. A menina branca, branca, branca, branca. ((exibição de imagens da influencer na divulgação do filme em um vídeo no canal do Youtube com o rosto desfocado)) Ela fez um vídeo de looks e fez também o vídeo... é... falando, né, sobre o filme, então assim, foi patrocinada, um filme onde falava de empoderamento de pessoas pretas... nem pra fazer publicidade aqui no Brasil eles usaram, usaram uma menina branca que tem cabelo cacheado, ela diz que é negra. (ZARUTY,3:27).

Zaruty nega a negritude declarada pela influenciadora que fez publicidade para o filme “Pantera Negra” e que se tornou símbolo de empoderamento negro, por ela ser uma mulher de pele clara e cabelos cacheados e estar ocupando espaço publicitário que deveria ser ocupado por um negro de pele retinta, ou negro legítimo, na concepção de Zaruty, divulgando um produto que enaltece a população negra, costumes e tradições, considerando que o elenco do filme é composto majoritariamente por negros de pele retinta. A *youtuber*, pois, coloca em xeque a autodeclaração, uma vez que ela considera apenas o fenótipo, descaracterizando e deslegitimando como “não negra” qualquer manifestação que emerja de uma pessoa de pele clara.

Consideremos, ainda, mais um trecho transcrito do vídeo, em que a *youtuber* usa palavras de baixo calão, típicas de situações de conflito (o registro de linguagem é polêmico), para rebaixar a modelo “branca” e também, claro o posicionamento que legitima a prática dessa modelo:

7. Então, assim, tá com rabo cheio de dinheiro só com a pauta de negros. Entendeu? Então, assim, é foda isso, é foda. Olha... outro comentário ((lendo)) “você pode apreciar uma cultura sem usar os penteados associados a ela ou tentar agir de maneira que não é sua”. Não! Isso eu já acho demais, você quer usar o penteado

usa... outra coisa é você fazer a influencer negra, outra coisa é você fazer a influencer, dizer que se descobriu preta... você ficar fazendo linha de produtos para pessoas pretas e negras, e você é branca. Só porque você tem cabelo cacheado, entendeu? Ou você é branca ou você é mestiça, mas você não é preta. Até eu vou ser bem clara pra você que tem pele branca e fala que também sofre racismo, minha filha, você sofre racismo de uma mestiça, não racismo de uma pessoa preta. Beleza? Então, tem pessoas brancas que podem sofrer racismo, não vem com esse papo pra cima de mim não porque não cola. Você ter característica de pessoas pretas é... uma coisa que pode acontecer com qualquer um, então um branco que colocam o cabelo desse aqui vai na rua, as pessoas têm preconceito sim, tá?! ((exibição imagem pessoa branca com dreads))

Então, eu quero saber a opinião de vocês, não é de hoje que eu falo sobre isso, que tem gente ficando rica, meninas brancas ou, como vocês gostam de dizer ((voz com tom de ironia imitando um falar específico)) PELE CLARA, PRETO CLARO, tem essa coisa, né, PRETO CLARO (ZARUTY).

Neste trecho, a influenciadora deixa vir à tona sua revolta e se vale de gírias e palavras de baixo calão ao se referir ao comportamento e à postura da personalidade que, segundo ela, está se passando por uma negra. Neste ponto, abertamente, ela rejeita a teoria do Colorismo, ao utilizar a terminologia frequente por quem defende o Colorismo como uma verdade (pele clara x pele escura). O desdém se materializa também com a gesticulação e a feição de Zaruty, que revira os olhos enquanto enuncia. A relação polêmica se intensifica, e o Outro é novamente rebaixado, o que confirma a postulação de Maingueneau (2007, p. 111):

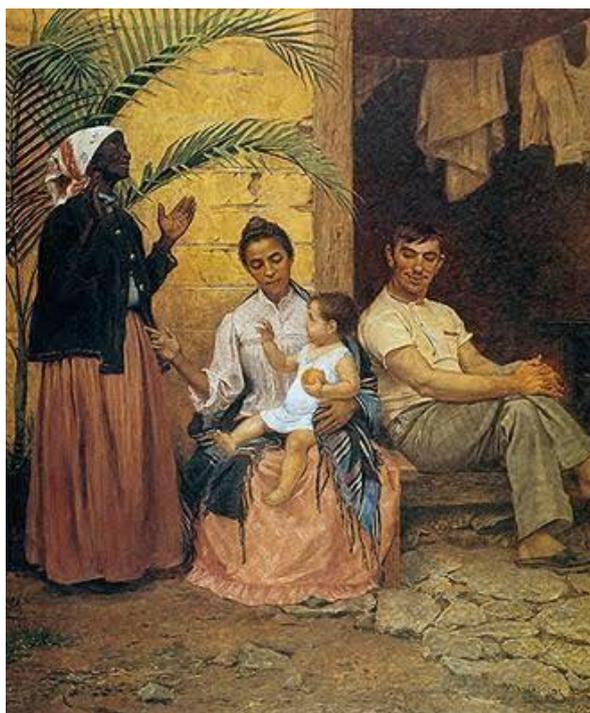
A polêmica sustenta-se com base na convicção de que existe um código que transcende os discursos antagônicos, reconhecido por eles, que permitiria decidir entre o justo e o injusto. É assim postulada a figura do árbitro, do neutro, da instância que não é um nem outro, vale dizer, da utopia de uma posição que seja parte interessada no conflito e exterior a ele.

Consideremos, ainda, mais um trecho transcrito do vídeo – inteiramente encenado a partir da cenografia da conversa informal, a partir da qual se legitima a construção da identidade discursiva de Zaruty:

8. [sic] População negra foi uma definição que o Estatuto da Igualdade Racial que quis incluir nessa lei, que foi assinado pelo Lula em 2010, então, por isso que eu digo que foi uma confusão criada pelo governo Lula. Antes as leis se definiam a pessoas, qualquer tipo de discriminação a pessoas e, a partir dessa lei, eles passaram a classificar, então colocaram uma classificação, é... eles falaram que a população negra. Então, eles quiseram dizer que negros são pessoas pardas e pretas, beleza? ((levanta mãos indicando não concordar com o que foi dito)) Mas isso não é algo que o IBGE diz, o IBGE diz que se refere apenas a pretas e pardas separadamente ((aumenta volume da voz)) [sic] (ZARUTY, 5:02).

Em (8), o posicionamento político e ideológico de Zaruty emerge de seu discurso. Ela dá nome àqueles que julga responsáveis pela confusão estabelecida entre a população negra, quanto à definição do que é ser negro. Contudo, historicamente, devido à miscigenação e às políticas de eugenia, foi o encontro de raças no Brasil estabelecera essa “confusão”; não é, pois, uma “confusão” recente. Já era perceptível, há um bom tempo, em diversas obras literárias e plásticas, como a “Redenção de Cam”, pintura do espanhol Roberto Brocos, de 1895, que retrata a busca pelo embranquecimento gradual das gerações por meio da miscigenação. Já nesta época, a concepção de negro se tornava difícil de delimitar.

Imagem 9: A Redenção de Cam



Fonte: Modesto Brocos (1895)

No vídeo de Spartakus Santiago, de título “O pardo é negro? Colorismo, passabilidade e eugenia: o que é ser negro no Brasil?”, a polêmica se firma, mas sem o registro polêmico caracterizador da enunciação de Zaruty. Consideremos o trecho transcrito e a captura de imagem do vídeo:

9. Existia um tom pejorativo associado à palavra negro. No Brasil, ser negro é você ter que lidar com muitas questões complexas, é você lidar com racismo, com desigualdade racial, por isso o Brasil já viveu um tempo onde pessoas que eram pardas tinham medo de falar que eram negras, era mais vantajoso se afastar dessa sua identidade e aproveitar sua passabilidade, que é um conceito referente a pessoas mestiças, ou pardas, *mixed race*, como se fala nos EUA, que, por terem características brancas de seus pais, conseguem em alguns espaços não serem vistas como negras e, por isso, sofrer menos racismo (SPARTAKUS, 2:37).

Imagem 10: Captura de imagem do vídeo de Spartakus



Fonte: Arquivos da autora (2021)

Em (9), no vídeo em questão, o *youtuber* mobiliza, também, a cenografia de conversa informal, criando um clima intimista, já que está em um cômodo da casa. Entretanto, diferentemente de Zaruty no vídeo anteriormente analisado, Spartakus vai construindo para o público uma imagem de “enunciador esclarecedor”, apresentando

informações ao leitor a fim de validar seu posicionamento. Spartakus ancora seu discurso em questões históricas, e para justificar essa dificuldade de conceituar o negro do Brasil, e assume um tom/registro didático para tratar do assunto. Não demonstra impor sua fala de forma radical, se comparado à Zaruty, mas expõe uma linha de raciocínio que possa vir a levar seu público a refletir sobre o conceito de negro no Brasil a partir de diversas perspectivas.

A perspectiva apontada, nesse trecho de análise, parte da ideia de não romantização das relações estabelecidas na história do Brasil entre colonizadores, escravizados e indígena, o que remete à ideia de democracia racial, difundida pela obra *Casa Grande e Senzala* (2001), de Gilberto Freyre, a qual descreve como tranquila a relação e a integração entre senhores e escravos, esses conformados com sua condição, e aqueles benevolentes com sua propriedade humana. Entretanto, como reforçado no discurso de Spartakus, esta é uma ideia que não condiz com a realidade histórica no Brasil, de forma que a situação se torna tão problemática que, por muito tempo, negros de pele clara não se enxergavam como pertencentes à população negra, recusando discursar dessa posição e sendo rejeitados por negros de pele retinta. No vídeo, Spartakus vai, por meio da mobilização da cenografia de conversa informal e com tom didático, buscando esclarecer o que julga serem confusões em torno do conceito de negro. Nesse sentido, o ethos do *youtuber* é mais dócil do que o ethos de Livia Zaruty, que descreveríamos como um ethos agressivo e petulante (de superioridade), decorrente do registro polêmico e do constante rebaixamento que realiza do Outro.

Consideremos, a seguir, outro trecho transcrito do vídeo de Spartakus, por meio do qual se pode depreender seu posicionamento no interior dessa relação polêmica:

10. Gratidão todos e todas, aqui quem fala é Spartakus Santiago e começa agora mais um vídeo e nesse vídeo eu quero compartilhar com vocês algumas das minhas reflexões sobre o que é ser negro de pele clara no Brasil. São só algumas opiniões minhas, eu posso estar errado não sou dono da verdade, mas são muitas coisas que foram baseadas em textos do Geledés, que é um blog incrível onde eu aprendo muita coisa sobre negritude e também de um texto da Sueli Carneiro, que é uma intelectual negra brasileira incrível (SPARTAKUS, 0:09).

Em (10), observamos que o influenciador se coloca numa posição de aprendiz e, em decorrência, a relação que estabelece com o público é afável e, por vezes, didática, como já mencionado. Num certo sentido, isso pode conduzir a uma maior aceitabilidade em relação ao que ele expõe, propiciando maior adesão de um público disposto a compreender determinada situação conflituosa e polêmica. Parece-nos, pois, que Spartakus se preocupa em assumir um papel estratégico frente ao público, para garantir a credibilidade de seu posicionamento⁵.

Vejamos, agora, uma captura de tela do vídeo do canal de Spartakus Santiago, em que o *youtuber* parte de questionamentos que circulam na comunidade negra para produzir seu conteúdo, firmando a cenografia de conversa informal em tom/ registro esclarecedor/didático.

Imagem 11: Captura de imagem do vídeo de Spartakus com posicionamento didático



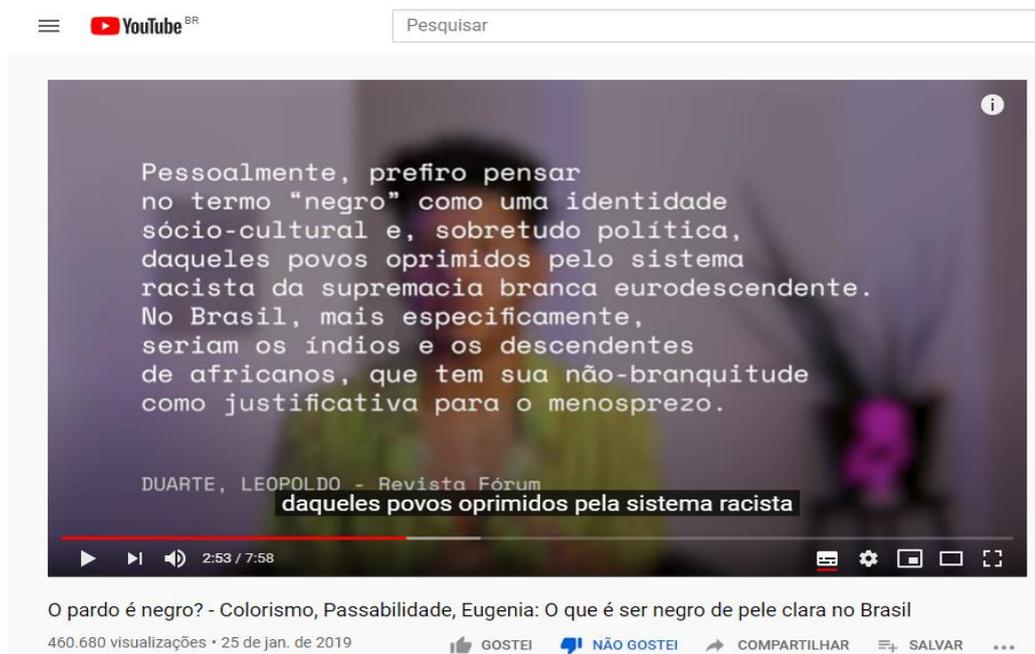
Fonte: Arquivos da autora (2021)

⁵ Os vídeos postados na plataforma Youtube, neste canal, são nomeados como *vlogs*, por se caracterizarem por uma estrutura em que um sujeito expõe, diante de uma câmera, temas e experiências que fazem parte da particularidade de sua vida, com os quais, entretanto, seus seguidores poderão se identificar; trata-se, supostamente, de um espaço livre de coerções do mundo - mesmo que isso não seja possível.

Partir de supostos questionamentos (“O que é ser branco no Brasil?") para construir seu posicionamento frente a questão tem, como o ethos mais dócil, o efeito de criar engajamento do público. Entretanto, é importante destacar que se trata de um discurso roteirizado e planejado a tal ponto que, analisando o vídeo, parece ser possível dizer que o co-enunciador representado é de sujeitos que buscam por explicações e que ainda construirão um posicionamento a respeito da temática, após serem esclarecidos sobre a polêmica em questão por meio dos vídeos de Spartakus.

Esse planejamento roteirizado do discurso, apresentado, na verdade, nos dois vídeos analisados, torna-se mais evidente quando, ao se explicar um posicionamento, os *youtubers* Livia Zaruty e Spartakus Santiago apresentam como recurso para convencimento do leitor/do expectador, dados, fatos, estatísticas, cada um à sua maneira, evidentemente. O *youtuber* Spartakus assume a posição de um guru, sábio, orientador, configurando uma cenografia de conversa informal em registro didático, por meio da qual pretende deixar claro à plateia as questões intrínsecas a determinado assunto abordado no vídeo. Vejamos:

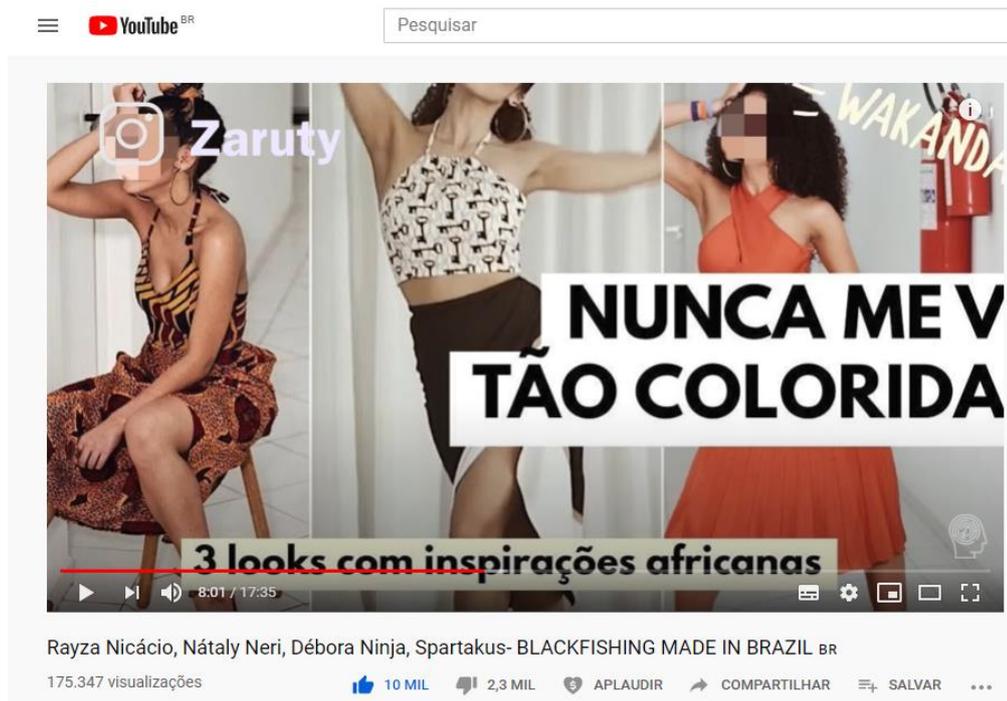
Imagem 12: Spartakus Santiago - recurso de convencimento do expectador



Fonte: Arquivos da autora (2021)

Os recursos de convencimento utilizados pela youtuber Livia Zaruty, por sua vez, são bem diferentes, como se pode observar na imagem captura abaixo, momento em que ela busca deslegitimar a modelo que se diz negra:

Imagem 13: Livia Zaruty - recurso de convencimento do expectador



Fonte: Arquivos da autora (2021)

Enquanto no canal “Spartakus Santiago”, há menção a estudiosos da área e a dados estatísticos para validação da posição de que, para ser considerado negro, é preciso levar em conta as questões fenotípicas e genotípicas, no canal “Etnia Brasileira”, de Zaruty, há a produção de uma enunciação a partir da deslegitimação de discursos contrários ao dela. A influenciadora alinha-se à formação discursiva que afirma que se deve considerar negro apenas aquele indivíduo de pele retinta e mobiliza as informações e dados estatísticos de forma a qualificar seu discurso para que haja adesão por parte de seu público. Inclusive, quando há algum dado poderia vir a servir como um contra-argumento, ela o desqualifica, retroalimentando seu posicionamento a partir, não raras vezes, de seus próprios vídeos, de modo que a youtuber se coloca como a própria “fonte” de suas afirmações categóricas e radicais. Isso pode ser ilustrado no trecho em que se posiciona a respeito dos critérios de classificação utilizados pelo IBGE:

11. [sic] pretos e pardos é a definição do IBGE, negros é a definição que o jornalista ou a pessoa, dependendo da ideologia dela, vai colocar. Então, ela coloca negros e entre aspas “pretos e pardos”, mas isso não significa que é aquilo que classifica o IBGE, eu já respondi isso, tem outro vídeo aqui que você assiste, que o próprio IBGE respondeu que não seria possível colocar preto e branco e pardos no mesmo grupo

porque mudaria os números, estatísticas, então a autodeclaração, nem está lembrando que a autodeclaração “negro” virou lei em 2010, no governo do Lula. Quando ele quis colocar a definição a classificação livre, lembrando o que Lula assinou, e juntamente com o ministro, então ministro da época, Eloí Ferreira de Araújo de Araújo, que hoje ele é presidente do Vasco, lembrando que o Estatuto da Igualdade Racial, lembrando que a lei sobre discriminação existe há anos e anos e anos, existe desde 1989, desde 1989 existe a lei no Brasil com relação à discriminação, só que em 2010 que foi adicionado Pedro, quem redigiu isso foi justamente quem colaborou com a atualização dessa lei foi os integrantes do movimento negro, e eles adicionaram antes das regras essas novas definições e nas definições tinham para efeito desse Estatuto. Considera-se população negra o conjunto de pessoas que se autodeclaram pardas e pretas conforme o quesito cor ou raça usado pela fundação instituto brasileiro de geografia IBGE [sic] (ZARUTY, 6:02).

Direcionaremos, agora, nossas análises para algumas conclusões. Ambos os vídeos se valem da cenografia da conversa informal, mas as semelhanças param por aí, a começar pelos posicionamentos que os dois youtubers assumem frente à questão “o que é ser negro”, conforme sintetiza o quadro a seguir:

Tabela 1: Semas de posicionamento

	POSICIONAMENTO 1 Livia Zaruty	POSICIONAMENTO 2 Spartakus Santiago
NEGRO	pele escura/retinta (+ fenótipo/ - genótipo)	pele clara e pele escura/retinta (+ genótipo/+fenótipo)
COLORISMO	não considera legítimo	Considera legítimo
IBGE (autodeclaração)	não considera e deslegitima	considera e legitima (população negra é formada por pretos e pardos)

Fonte: Arquivos da autora (2021)

No que se refere ao registro mobilizado na enunciação dos dois youtubers, a enunciação de Zaruty se dá a partir da mobilização do registro polêmico – tom agressivo, com palavras de baixo calão, que se vale repetidamente da estratégia de rebaixamento do Outro. Vale que ressaltar que, desde o início, o vídeo de Zaruty surge

como uma resposta ao posicionamento de Spartakus (mesmo sem mencioná-lo no vídeo, seu nome aparece no título, deixando claro que se trata de um vídeo resposta ao posicionamento por ele defendido em seu canal na plataforma Youtube). Esse confronto se dá devido aos dois discursos antagonistas já serem cristalizados, ou institucionalizados, no interior da comunidade negra. Por conta da miscigenação e de supostos privilégios concedidos a negros de pele clara (como maior oportunidade no campo publicitário), em relação aos negros de pele retinta, Zaruty busca deslegitimar a suposta negritude daqueles que têm a pele clara, acusando-os de tomarem espaços que não deveriam ocupar, por não serem representantes legítimos da comunidade negra. Desse posicionamento da influenciadora – mais especificamente, do modo pelo qual ele é demarcado – decorre um ethos agressivo e petulante (de superioridade), aproximando, por vezes, a cenografia de conversa informal à cenografia de protesto.

Em relação ao registro da enunciação de Spartakus, por sua vez, diríamos que se trata de um registro didático com tom professoral, por meio do qual o youtuber vai tecendo sua argumentação com parcimônia, embasado em argumentos e fatos, para que o enunciatário compreenda e absorva a ideia exposta em seu vídeo. Desse registro decorre um ethos mais dócil, que descreveríamos como moderado. Consideremos, por fim, o trecho transcrito abaixo, a fim de verificarmos como Spartakus se posiciona com um tom professoral, buscando referências históricas e teóricas para ancorar seu posicionamento; desse modo de enunciação é que decorre o ethos de moderação atribuído a ele:

13. O mestiço, muitas vezes, tem sua identidade racial apagada porque a parte que não é branca da família você não sabe, você não sabe quem era o tataravô, se era escravo, de que país da África ele era, se era indígena, porque essas pessoas foram mortas, seus registros foram apagados, foi uma classe que foi dizimada. Precisar se descobrir como negro para poder entender o racismo que sofre não é um privilégio. [...] o mestiço quando sofre racismo tem sua palavra questionada, afinal, nem todo mundo acha que ele é negro pra reclamar do racismo, ou seja, questionar a etnia de alguém pra poder falar que todo racismo que ela tá falando é mentira, é inventado, é extremamente cruel e sem sentido (SPARTAKUS).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de uma pesquisa é passível de reformulações à medida que as leituras e as análises vão se desenvolvendo. Inicialmente, nesta pesquisa, havia apenas a intenção de identificar, ou não, a existência de uma polêmica entre dois posicionamentos antagônicos. Entretanto, foi preciso considerar outros conceitos para uma análise mais comprometida com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Francesa, mais especificamente, com o quadro teórico de Dominique Maingueneau.

Analisando as semioses (verbal e não verbal – mas com ênfase na verbal) dos vídeos dos youtubers considerados, sob a perspectiva de Maingueneau, pudemos demonstrar a existência de uma relação polêmica entre eles, uma vez que um posicionamento lê o outro apenas a partir do sistema de restrições de sua formação discursiva.

No empreendimento analítico, mobilizamos, além das noções de polêmica discursiva, interincompreensão e simulacro, a noção de registro, de *ethos* e o par hipergênero/cenografia. Os resultados apontaram que, no vídeo analisado do canal “Etnia Brasileira”, da *youtuber* Livia Zaruty, para legitimar o discurso de que se configura negro apenas o indivíduo de pele escura/retinta no Brasil, a *youtuber* se valeu de um registro polêmico do qual decorreu um *ethos* petulante e, por vezes, agressivo. Por ser negra de pele retinta, ela se coloca neste lugar de fala de uma minoria que tem tido direitos tirados pelos indivíduos, nas palavras da influenciadora, “que se dizem negros, negros de pele clara”. Dessa forma, é construído um discurso contestador que pouco dá margem para questionamentos, pois é lido pelo público como um desabafo, uma denúncia.

Por outro lado, o discurso analisado do canal “Spartakus Santiago”, cujo posicionamento é de que o conceito de negro é abrangente e problemático no Brasil, o *youtuber* se valeu de um registro didático, de um tom professoral, do qual decorreu um *ethos* moderado. O *youtuber* em questão se posiciona de modo a encarar como negro no Brasil tanto indivíduos de pele escura/retinta, quanto indivíduos de pele clara. Justificando este posicionamento com o modo em que Brasil foi composto, pela miscigenação de povos europeus, indígenas e africanos, defende que os fatores fenótipos e genótipos devem ser considerados ao definir a negritude de um indivíduo.

É preciso, ainda, considerar que a plataforma Youtube impõe certas regras que devem ser seguidas para que o vídeo e os discursos por ele materializados surtam efeito no público. Por esta razão, o conceito de hipergênero, conforme já apontado, foi imprescindível para a realização da análise. Considerando que os canais do Youtube não sofrem coerções sócio-históricas fortes – mas coerções materiais fortes – e que, por isso, configuram-se como hipergêneros, o que importava aos enunciadores dos vídeos analisados dos dois canais, era a criação de cenografias adequadas á constituição de suas identidades discursivas. Isto porque, embora a arquitetura de cada canal seja muito parecida, seguindo o padrão da plataforma Youtube, a identidade de cada canal e de cada enunciator/*youtuber* é criada a partir da cenografia, conforme postula Maingueneau, e por meio do ethos, conforme buscamos sustentar neste trabalho, contribuindo, nesse sentido, para a teorização da comunicação na Web.

Gostaríamos, por fim, de ressaltar que temos consciência de que as semioses não verbais poderiam ter sido mais bem exploradas e, por isso, acreditamos que esse poderia ser um bom ponto de partida para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. Rosalice Botelho, Wakim Souza Pinto [et al]. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. In: **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pop_negra/estatuto_racial.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2019.

COURTINE, J. J. **Analyse du discours politique**: le discours communiste adressé aux chrétiens. Langanes Paris: Didier-Larousse, 1981.

DEBRAY, R. **Transmitir**: o segredo e a força das ideias. Trad. Guilherme Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

ETNIA BRASILEIRA. Rayza Nicácio, Nátaly Neri, Débora Ninja, Spartakus – Blackfishing made in Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/zaruty>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. 1ª reimpressão. Curitiba: Criar Edições, 2007.

_____. Mídium e discurso. In: MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 5 ed. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez Editora, 2008, p. 71-83.

_____. As três facetas do polêmico. In: MAINGUENEAU, D. Trad. Sírio Possenti e M. Cecília P. de Souza-E-Silva (orgs.) **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB**. Rio de Janeiro, 2003. *Anais...* Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 08 de dez. 2019.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. O., 5a. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

REZENDE, B. R. M. P. R. **Hipergênero e sistema de hipergenericidade**: análise do funcionamento discursivo do Facebook. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

SANTOS, D. J. da S. **Raça versus etnia**: diferenciar para melhor aplicar. Dental Press, vol. 15, n. 3, 2010.

SPARTAKUS SANTIAGO. **O pardo é negro?** - Colorismo, Passabilidade, Eugenia: O que é ser negro de pele clara no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iv5inBkEMK4&ab_channel=spartakus>. Acesso em: 06 jan. 2019.

VILELA-ARDENGHI, A. C. N. da C. **Minha pátria é minha língua**: língua e identidade nacional. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2007.